

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MAYRA KAYANI OLIVEIRA BENITES

**“TRAVESSIAS” NA PAISAGEM LINGUÍSTICA:
UM OLHAR SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO SOBRE A PRESENÇA DA
LÍNGUA ESPANHOLA NO COMÉRCIO FRONTEIRIÇO DE
URUGUAIANA**

BAGÉ

2025

MAYRA KAYANI OLIVEIRA BENITES

**“TRAVESSIAS” NA PAISAGEM LINGUÍSTICA:
UM OLHAR SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO SOBRE A PRESENÇA DA
LÍNGUA ESPANHOLA NO COMÉRCIO FRONTEIRIÇO DE
URUGUAIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Línguas Adicionais - Inglês e Espanhol e suas Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras - Línguas Adicionais.

Orientador: Alessandro Carvalho Bica

Co-orientadora: Sara dos Santos Mota

BAGÉ

2025

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

B467" Benites, Mayra Kayani Oliveira
"Travessias" na Paisagem Linguística: um olhar semântico-
enunciativo sobre a presença da língua espanhola no comércio
fronteiriço de Uruguaiana / Mayra Kayani Oliveira Benites.
62 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - LÍNGUAS ADICIONAIS INGLÊS, ESPANHOL
E RESPECTIVAS LITERATURAS, 2025.
"Orientação: Alessandro Carvalho Bica".

1. Paisagem Linguística. I. Título.

MAYRA KAYANI OLIVEIRA BENITES

**"TRAVESSIAS" NA PAISAGEM LINGUÍSTICA: UM OLHAR SOBRE A PRESENÇA DA
LÍNGUA
ESPAÑHOLA NO COMÉRCIO FRONTEIRIÇO NA CIDADE DE URUGUAIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado(a) em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 23 de junho de 2025.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica

Orientador
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Isaphi Marlene Jardim Alvarez

(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Ronaldo Bernardino Colveiro

(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **ALESSANDRO CARVALHO BICA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 07/07/2025, às 18:54, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ISAPHI MARLENE JARDIM ALVAREZ, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/07/2025, às 08:22, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **RONALDO BERNARDINO COLVERO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/07/2025, às 08:45, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1777307** e o código CRC **C8957F21**.

Dedico este trabalho à minha família, a qual apoio incondicional não houve igual. Cheguei no fim desta lida e, como boa gaúcha, tenho que olhar para trás e agradecer quem esteve no meu pala, segurando as rédeas quando o galope apertava. Este TCC, não é só meu: ele tem o suor e o apoio de uma família que é a minha querência, o meu pago. Dedico à tua memória, meu tio Ciro Leão, professor gaúcho orgulhoso que me ensinou amar a nossa tradição.

AGRADECIMENTOS

Andreia Leges, minha mãe, teu "Deus te guie!" era mais que benção, era o alicerce que me dava coragem. Lucas Benites, meu pai, teus muitos, mas firmes, "10 é pouco, podia ter se esforçado mais, guria!" valiam por mil discursos. E para as irmãs, Nyara, Maynara e Maria Luiza, que mesmo na distância de um galpão para o outro, mandavam aquela energia boa. A vocês, um obrigado de peito aberto.

Minha vó Eunice, meu vô João Carlos, cada mate cevado junto, cada churrasco na estância, cada caso contado durante as boas peleias, tudo isso me lembrou de onde venho e da força que a gente tem quando a família está unida. A gente da fronteira sabe o valor do laço, do respeito e da palavra empenhada. E foi essa criação, essa tradição gaúcha que me ensinou a não amolecer, a atar os cuscus e seguir adiante, por mais longa que fosse a estrada.

Este trabalho, então, é mais que um papel. É um grito de amor pela nossa terra, pela Uruguaiana que pulsa na alma, e um reconhecimento à minha família, que é o meu maior tesouro. Sem vocês, a lida teria sido bem mais dura, e o gosto da vitória não seria tão bom.

Então, um abraço bem cinchado do tamanho do Rio Grande do Sul. Que a gente siga sempre apegado às tradições, com o orgulho de ser da fronteira e o amor pelo nosso pago. E como dizia minha maior inspiração tradicionalista, Professor Ciro Carvalho Leão, que sigamos "bem louco e chapéu tapeado".

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso investiga a presença da língua espanhola na paisagem linguística do comércio fronteiriço de Uruguaiana, Rio Grande do Sul, com um olhar semântico-enunciativo. O estudo se justifica pela relevância de compreender as dinâmicas linguísticas em áreas de fronteira brasileiras, onde há o contato entre diferentes línguas. A pesquisa teve como objetivo principal analisar como o espanhol se manifesta nas designações de estabelecimentos comerciais de Uruguaiana, buscando evidenciar de que modo essa presença significa a identidade dos habitantes da cidade e produz sentidos sobre a dinâmica sociohistórica da região. A metodologia orientou-se pelo dispositivo teórico-metodológico da Semântica da Enunciação (Guimarães, 2003; 2005). O arquivo foi construído através do registro fotográfico *in loco* de placas e fachadas em diferentes pontos do comércio local, totalizando 29 nomes de estabelecimentos escritos total ou parcialmente em língua espanhola. O *corpus* da pesquisa foi constituído por 11 desses nomes, contendo determinantes do espanhol. Como resultado, verificamos que um modo de inscrever a língua espanhola no comércio de fronteira é pela utilização destes determinantes, os artigos “La”, “El” e “Los”, ilustrando o que entendemos por travessias linguísticas. Concluimos que essa paisagem linguística, marcada pela presença de mais de uma língua, evidencia a complexidade das relações culturais e econômicas transfronteiriças, significando o lugar dos sujeitos enunciadorees e do próprio espaço comercial em relação à fronteira; e remetendo a uma memória discursiva de proximidade com a cultura hispânica nesses territórios.

Palavras-chave: Paisagem Linguística; Uruguaiana; Fronteira; Língua Espanhola; Semântica do Acontecimento

RESUMEN

Este trabajo de conclusión de curso investiga la presencia de la lengua española en el paisaje lingüístico del comercio fronterizo de Uruguaiana, Rio Grande do Sul, desde una perspectiva semántico-enunciativa. El estudio se justifica por la relevancia de comprender las dinámicas lingüísticas en áreas de frontera brasileñas, donde hay contacto entre diferentes lenguas. La investigación tuvo como objetivo principal analizar cómo el español se manifiesta en las denominaciones de establecimientos comerciales de Uruguaiana, buscando evidenciar de qué modo esta presencia significa la identidad de los habitantes de la ciudad y produce sentidos sobre la dinámica sociohistórica de la región. La metodología se orientó por el dispositivo teórico-metodológico de la Semántica de la Enunciación (Guimarães, 2003; 2005). El archivo se construyó a través del registro fotográfico *in loco* de letreros y fachadas en diferentes puntos del comercio local, totalizando 29 nombres de establecimientos escritos total o parcialmente en lengua española. El corpus de la investigación estuvo constituido por 11 de esos nombres, que contenían determinantes del español. Como resultado, verificamos que una forma de inscribir la lengua española en el comercio de frontera es mediante la utilización de estos determinantes, los artículos “La”, “El” y “Los”, ilustrando lo que entendemos por travesías lingüísticas. Concluimos que este paisaje lingüístico, marcado por la presencia de más de una lengua, evidencia la complejidad de las relaciones culturales y económicas transfronterizas, significando el lugar de los sujetos enunciativos y del propio espacio comercial en relación con la frontera; y remitiendo a una memoria discursiva de proximidad con la cultura hispánica en esos territorios.

Palabras clave: Paisaje Lingüístico; Uruguaiana; Frontera; Lengua Española; Semántico-enunciativo.

ABSTRACT

This capstone project investigates the presence of the Spanish language in the linguistic landscape of Uruguaiana, Rio Grande do Sul's border commerce, adopting a semantic-enunciative perspective. The study is justified by the relevance of understanding linguistic dynamics in Brazilian border areas, where different languages come into contact. The main objective of this research was to analyze how Spanish manifests in the names of commercial establishments in Uruguaiana, aiming to demonstrate how this presence signifies the identity of the city's inhabitants and produces meanings about the region's socio-historical dynamics. The methodology was guided by the theoretical-methodological framework of Enunciation Semantics (Guimarães, 2003; 2005). The archive was built through *in loco* photographic records of signs and facades at various points in the local commerce, totaling 29 establishment names written entirely or partially in Spanish. The research corpus consisted of 11 of these names, which contained Spanish determiners. As a result, we found that one way to inscribe the Spanish language in border commerce is through the use of these determiners, they are the articles "La," "El," and "Los", illustrating what we understand as linguistic crossings. We conclude that this linguistic landscape, marked by the presence of more than one language, highlights the complexity of cross-border cultural and economic relations, signifying the place of the enunciating subjects and the commercial space itself in relation to the border; and referring to a discursive memory of proximity to Hispanic culture in these territories.

Keywords: Linguistic Landscape; Uruguaiana; Border; Spanish Language; Semantic-enunciative.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Diagrama do Centro Fronteiriço Paso de los Libres / Uruguaiana..	15
FIGURA 2 - Formulário de Solicitação do TVF.....	17
FIGURA 3 - Linha de Fronteira.....	18
FIGURA 4 - Faixa de Fronteira no Rio Grande do Sul.....	19
FIGURA 5 - Notícia da construção da Estação Ferroviária de Uruguaiana.....	27
FIGURA 6 - Mapa rural da cidade de Uruguaiana.....	29
FIGURA 7 - O espaço de enunciação fronteiriço e as cenas enunciativas no comércio uruguaianense.....	33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Nomes dos estabelecimentos comerciais de Uruguaiana... 39-41

SUMÁRIO

SUMÁRIO	
1. INTRODUÇÃO	
2. PARA UMA DEFINIÇÃO DE FRONTEIRA: DIFERENCIANDO CONCEITOS	
2.1. Por que Uruguaiana se faz fronteira?	
3. A FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA CIDADE DE URUGUAIANA	
3.1. Portugal, Espanha e o Rio Grande do Sul Missioneiro	
3.2. Século XIX e o início da cidade de Uruguaiana.....	
3.3. A urbanização da cidade de Uruguaiana e o espaço econômico	
4. O ESPAÇO DE ENUNCIÇÃO FRONTEIRIÇO E AS CENAS ENUNCIATIVAS NO COMÉRCIO URUGUAIANENSE	
4.1. A tríade dos sentidos: paisagens linguísticas, cenas enunciativas e espaço de enunciação fronteiriço	
4.2. Fronteira e Enunciação: Espaço e Cenas.....	
5. DO NOME À MEMÓRIA: UMA VISÃO SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA	
5.1. Primeiros passos da investigação: a seleção e composição do corpus	
5.2. A presença do espanhol em foco: constituição do corpus central da análise.....	
6. ANÁLISE SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA DOS NOMES DOS ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS DE URUGUAIANA: A DESIGNAÇÃO	
6.1. A semântica do acontecimento como chave interpretativa para os nomes comerciais fronteiriços.....	
6.2. O artigo determinante em espanhol: a fronteira significada pela língua	
6.2.1. O artigo determinante em espanhol: um modo de significar na cena enunciativa fronteiriça.....	
7. AS FORMAÇÕES NOMINAIS HÍBRIDAS: ENTRE A DIFERENÇA E A IDENTIDADE NO ACONTECIMENTO DA NOMEAÇÃO/DESIGNAÇÃO	
7.1. Formações nominais em espanhol (e seus matizes).....	
7.2. Formações nominais em português ou adaptados: a hibridização da cena enunciativa	
7.3. Formações nominais em outras línguas: a ampliação da cena enunciativa	
8. CONCLUSÃO	
REFERÊNCIAS	

TRAVESSIAS NA PAISAGEM LINGUÍSTICA: UM OLHAR SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO SOBRE A PRESENÇA DA LÍNGUA ESPANHOLA NO COMÉRCIO FRONTEIRIÇO DE URUGUAIANA

Mayra Kayani Oliveira Benites¹

Alessandro Carvalho Bica²

Sara dos Santos Mota³

1. INTRODUÇÃO

A proximidade com a fronteira argentina despertou em mim um interesse particular pela influência da língua espanhola na minha cidade natal, Uruguaiana. O estudo da língua espanhola durante o curso de Letras - Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas revelou a presença marcante do espanhol no cotidiano dos habitantes da região, especialmente nos nomes dos estabelecimentos comerciais. Esta pesquisa busca compreender como a língua espanhola contribui para as relações entre línguas e sujeitos, as quais produzem sentido, e para a construção da memória da região. Ao analisar a presença do espanhol nos nomes comerciais, busca-se evidenciar a relação de significação estabelecida, o papel do idioma como um marcador de território e pertencimento, refletindo essa produção de sentidos. Essa dinâmica linguística não se limita a Uruguaiana, sendo observada em outras cidades de fronteira, como Bagé e Santana do Livramento, onde estudos similares revelam padrões semelhantes. Compreender essa relação entre língua e identidade é fundamental para entender os processos de construção identitária dos sujeitos que habitam essas fronteiras.

Em um mundo cada vez mais globalizado e interconectado, não é incomum as fronteiras físicas e simbólicas se tornarem cada vez mais permeáveis, propiciando um intenso intercâmbio cultural, social e, conseqüentemente, linguístico (STURZA, 2018; BÄR; STURZA, 2017; MERCOSUL, 2018; MACHADO, 2010). Nesse contexto, as cidades fronteiriças se configuram como espaços singulares,

¹ Discente do Curso Letras Línguas Adicionais - Inglês e Espanhol e suas Respectivas Literaturas, na Fundação Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

² Professor Doutor em Educação e orientador do trabalho.

³ Professora Dr^a do Curso de Línguas Adicionais e co-orientadora do trabalho.

onde diferentes culturas e idiomas se entrelaçam, criando dinâmicas linguísticas únicas e complexas (STURZA, 2010; BÄR; STURZA, 2017; MOTA *ET AL.*, 2022; GONÇALVES, 2021). É nesse cenário singular que se insere a cidade de Uruguaiana, localizada na fronteira entre o Brasil e a Argentina, pois sua rica história de constante interação entre os dois países torna-a um palco propício para a investigação das travessias linguísticas no comércio fronteiriço, chamadas assim neste trabalho por alusão ao contexto histórico comercial da cidade, onde se fazia e faz necessária a travessia do Rio Uruguai (por embarcações como antigamente, ou pela Ponte Internacional como atualmente).

A pesquisa sobre a dinâmica linguística no comércio fronteiriço de Uruguaiana se torna ainda mais relevante considerando o contexto socioeconômico e cultural da região, visto que essa interação se reflete na vida cotidiana dos habitantes, que transitam entre os dois países para trabalhar, estudar, fazer compras, socializar, etc. A extensa troca comercial, turística e outros fluxos migratórios resulta em um espaço de constante contato entre as línguas portuguesa e espanhola. Por meio de uma análise da presença da língua espanhola no espaço de enunciação em nomes de estabelecimentos, referentes a essas paisagens linguístico-comerciais, o estudo planeja apurar o que essas enunciações significam, como mobilizam sentidos historicamente constituídos neste espaço e como os atualizam e ressignificam. A partir disso, objetiva-se discutir como essa interlocução constitui a identidade fronteiriça e como essa identidade significa o progresso urbano e comercial da cidade. Segundo Eduardo Guimarães⁴:

A enunciação é que ocorre quando alguém diz algo, quando um falante de uma língua diz uma sequência que é, de alguma maneira, reconhecida pelos falantes desta língua. Considerando a questão desse modo, dizer algo, produzir significação, se dá num acontecimento [...] numa certa língua. (Guimarães, 2018, p. 14)

Nesta perspectiva, a enunciação é concebida como um evento que instaura a temporalidade, conferindo sentido ao enunciado enquanto unidade semântica de base. O sentido se constrói a partir da relação essencial e da integração do enunciado no contexto textual, de modo que a configuração do sentido manifesta-se

⁴ Definiremos e discutiremos sobre o conceito de Espaço de Enunciação mais adiante neste trabalho, no capítulo 4.

por meio da articulação entre os enunciados e as expressões linguísticas que os compõem.

Simplificando, a enunciação é o ato de produzir um enunciado, e esse ato ocorre em um momento específico, marcando o tempo. O enunciado, por sua vez, é a unidade básica para entender o significado das palavras e frases. O sentido de um enunciado não é fixo, mas depende de como ele se encaixa no texto ao seu redor. A maneira como o enunciado se liga a outras partes do texto é o que cria seu significado. Assim, a análise semântica transcende a mera descrição de significados lexicais, adentrando o domínio da enunciação como processo dinâmico e contextualizado.

Para tanto, apresentam-se as seguintes questões: como se dá o funcionamento da língua espanhola no espaço de enunciação fronteiriço? De que forma a enunciação na língua espanhola contribui para a construção da identidade de sujeitos fronteiriços que enunciam como consumidores e comerciantes que transitam entre os dois países? Ao analisar o funcionamento linguístico-enunciativo do espanhol, presente nos nomes dos estabelecimentos comerciais, a pesquisa busca evidenciar a produção de sentidos em contextos fronteiriços, contribuindo para o campo dos estudos linguísticos e enunciativos.

As justificativas que regem esse trabalho são, primeiramente, de natureza empírica e pessoal, provindas da junção de meu grande interesse na história originária da cidade de Uruguaiana, minha aproximação aos estudos da língua espanhola e minha percepção da linguagem fronteiriça, nesse caso em específico, a qual se costuma chamar de “uruguaians”⁵.

Como cidadã nascida em Uruguaiana e que, posteriormente, afastou-se da fronteira entre o Brasil e a Argentina e passou a residir na região do litoral riograndense, comecei a perceber a cidade como um contexto singular, com uma dinâmica linguística característica. Trazemos a ideia de língua fronteiriça não como uma interlíngua⁶, e sim uma língua própria que configura um universo linguístico único e complexo, que merece ser explorado em seus aspectos socioculturais e identitários, por exemplo, através das designações nos espaços de enunciação e

⁵ Utilizo esse termo em referência a obra “Chê de Deus!: um dicionário Uruguaians!” de autoria de Lourival Araújo Gonçalves.

⁶ “Selinker delinea assim seu conceito de interlíngua (IL), como ‘sistema linguístico separado, resultante das produções observáveis de tentativas de produção de um aluno em uma norma da língua alvo’ (1972, p. 214). A interlíngua é, portanto, ‘um sistema linguístico em construção que está entre uma língua e outra(s)’ (DURÃO, 2007, p. 23 *apud* ALLAIN; DURÃO, 2022, p. 111)

nas paisagens linguísticas. Compreender esse cenário é fundamental para entender a política e o papel das línguas e o(s) processo(s) de construção identitária (STURZA, 2010) dos habitantes de Uruguiana, partindo de trabalhos anteriores, a pesquisa apoia-se nos estudos realizados por Bär (2016), Bär e Sturza (2017), Mota, Branco e Ferreira (2022) e Bratz (2023).

De acordo com Guimarães (2003, p. 54), “Os nomes de espaços na cidade, e o que os acompanha, não só ocupam lugar neste espaço de vida, como lhe dão sentidos e constroem de algum modo esta geografia. Identificam-na.”, e, ao propor analisar o funcionamento linguístico-enunciativo da presença do espanhol no comércio local, cogitamos ir além da mera descrição gramatical. Buscaremos compreender como as “escolhas” linguísticas dizem sobre as identidades dos consumidores e comerciantes que transitam entre os dois países. Estima-se, então, que as palavras, nesse contexto, podem produzir sentidos de autoafirmação, distinção e pertencimento, moldando como esses indivíduos se significam no espaço de enunciação fronteiriço. Portanto, para a reconstrução e compreensão das condições sócio-históricas do processo de urbanização da cidade, utilizaremos textos da historiografia rio-grandense e local, documentos midiáticos da época, bem como elementos e fontes que permitam recontar essa história. A partir da observação dessas antigas vozes, podemos compreender o cenário enunciativo atual e o porquê de sua distribuição, tal como é dada atualmente.

Para fundamentar nossa justificativa teórico-investigativa, partimos de três trabalhos, a saber “A Designação Dos Estabelecimentos Comerciais Na Cidade Fronteiriça De Uruguiana: Interface Português e Espanhol” (BÄR; STURZA, 2017), “A Designação Dos Estabelecimentos Comerciais Na Cidade Fronteiriça De Bagé” (MOTA; BRANCO; FERREIRA, 2022) e “No Ir e Vir da Balsa: O Espaço de Enunciação nas Paisagens Linguísticas da Fronteira Porto Xavier/San Javier” (BRATZ, 2023), seguiremos nessa mesma linha de estudos, analisando o funcionamento dessas línguas em contato, especificamente na região fronteiriça da cidade de Uruguiana. Utilizando dos estudos acerca das paisagens linguísticas, cenas enunciativas e espaços de enunciação, analisando o contexto histórico da cidade e comparando com a cena comercial atual, será possível discutir os principais aspectos objetificados anteriormente.

O estudo de Bär e Sturza (2017) revela que as designações com marcas do espanhol estão presentes nos estabelecimentos comerciais de Uruguiana,

indicando a forte identificação pela população fronteiriça com a língua; o que confirma a influência do idioma na identidade local. Essas escolhas enunciativas em ambientes comerciais, designando estabelecimentos, produzem sentido de pertencimento e conexão com a cultura vizinha, e nos antecipam as percepções e preferências do consumidor.

A pesquisa "No Ir e Vir da Balsa: O Espaço de Enunciação nas Paisagens Linguísticas da Fronteira Porto Xavier/San Javier", realizada por Maurício Engroff Bratz (2023), oferece um olhar perspicaz sobre as paisagens linguísticas dessa região, elucidando que o portunhol⁷ assume diferentes funções na vida cotidiana da fronteira, em conversas entre amigos e familiares, assim como, também, em placas de sinalização, anúncios, entre outros. Além disso, enfatiza que é preciso irmos mais adiante da gramática, analisando sintaxe e contextos.

Já outro estudo que trabalha com essa mesma questão fronteiriça, mas se desloca para região da fronteira Brasil-Uruguay, é o estudo escrito por Sara dos Santos Mota, Natieli Luiza Branco e Vinícios Lima Ferreira (2022), intitulado "A Designação Dos Estabelecimentos Comerciais Na Cidade Fronteiriça De Bagé". Segundo os autores, a cidade, desde seus primórdios, esteve marcada pela pecuária, produção de charque e comércio, atividades que impulsionaram a interação entre brasileiros e uruguaios, propiciando o intercâmbio linguístico. A análise ressalta os espaços enunciativos além da oralidade, marcando território e identidade pela escrita.

Em conclusão, as paisagens linguísticas das regiões de fronteira, contendo as cenas enunciativas no idioma vizinho, trazem, não somente estética comercial, mas sim, principalmente, a identidade do pertencimento dessa região. Esses nomes significam e ressignificam o espaço urbano como pertencente à fronteira, tão singular e característica; esses enunciados não só nomeiam, como produzem sentidos históricos e constituem espaços únicos e os reforçam, e atualizam, em uma identidade fronteiriça.

⁷ Conforme Bratz (2023), o portunhol é compreendido como uma prática linguística inerente às interações sociais cotidianas na fronteira. A presença de elementos do espanhol nas paisagens linguísticas é integrada a essa concepção, sendo vista como parte do espaço de enunciação fronteiriço, que ilustra e facilita a comunicação entre os fronteiriços. Bratz (2023) também o diferencia da mera justaposição de idiomas, enfatizando o portunhol como uma mistura funcional, utilizada espontaneamente em interações orais para intercompreensão. Neste trabalho, não trabalharemos com o conceito de Portunhol.

2. PARA UMA DEFINIÇÃO DE FRONTEIRA: DIFERENCIANDO CONCEITOS

As fronteiras, muitas vezes compreendidas como simples linhas demarcatórias entre países, revelam-se espaços complexos e dinâmicos, transcendendo a mera linha divisória entre nações. Em se tratando das fronteiras do Mercosul, presenciamos um fluxo intenso de bens, serviços e pessoas, tecendo um mosaico cultural diverso e pulsante, como “espaço de interação, uma paisagem específica, com espaço social transitivo, composto por diferenças oriundas da presença do limite internacional, e por fluxos e interações transfronteiriças” (BRASIL, 2005, p. 21).

Essa intensa interação, no entanto, não se dá de forma homogênea, gerando tensões e contradições entre os sistemas políticos, monetários, de segurança e proteção social dos países limítrofes. Contudo, mais do que separar, elas podem também unir, possibilitando a interação e o intercâmbio entre diferentes culturas e povos. Ainda sobre as fronteiras do Mercosul, é importante destacar que a integração vivenciada nessas zonas antecede a formalização de blocos econômicos, acordos bilaterais ou multilaterais. Ou seja, a vivência cotidiana dos povos fronteiriços (povos que hoje compõem os países do bloco econômico Mercosul) já demonstrava a necessidade e o potencial da cooperação transfronteiriça, servindo como base para a posterior institucionalização dessa integração. Essa porosidade, característica intrínseca das fronteiras, dá origem a um espaço comum, distinto do espaço nacional, mas intrinsecamente conectado a ele (MERCOSUL, 2018). Segundo Mota, em sua pesquisa sobre a fronteira Brasil-Uruguay, mas que cabe à nossa análise, a fronteira pode constituir, até mesmo, um novo território:

Ao considerarmos que a fronteira pode constituir uma zona, uma região, composta por uma parcela dos territórios de dois Estados diferentes, onde se estabelecem trocas diversas entre as populações de ambos, podemos pensar que estamos diante de formas de apropriação que conduzem ao estabelecimento de um novo território: o território fronteiriço. (Mota, 2010, p. 21)

Dito isso, na continuidade de nossas reflexões, para compreendermos melhor a dinâmica dos espaços fronteiriços, a partir de Mercosul (2018), Mota (2010) e Machado (2010), é crucial diferenciar os seguintes conceitos:

- Linha de Fronteira: Representa a delimitação jurídica entre dois países, marcando o limite territorial.
- Faixa de Fronteira: Estabelecida por cada país, compreende a área adjacente à linha da fronteira e que se encontra sob sua influência direta. A definição da faixa de fronteira considera fatores socioculturais e econômicos.
- Região de Fronteira: Abrange as faixas de fronteira de países limítrofes, constituindo um espaço mais amplo de interação e integração transfronteiriça.

Como sustentam os já citados autores, ao invés de simplesmente uma barreira, as fronteiras podem se revelar como portais para a integração, exigindo um olhar atento às nuances e contradições presentes nesse espaço singular. Na prática, nos territórios fronteiriços brasileiros, as fronteiras se materializam em zonas extensas, onde se desenvolvem atividades sociais, econômicas e culturais. Elas são palco de trocas comerciais, migrações, compartilhamento de saberes e construção de identidades híbridas. Ao mesmo tempo, as fronteiras também podem ser permeadas por tensões e conflitos, rigidez dos limites estatais que, por vezes, gera obstáculos à livre circulação de pessoas, bens e ideias, alimentando sentimento de exclusão e marginalização (MOTA, 2010).

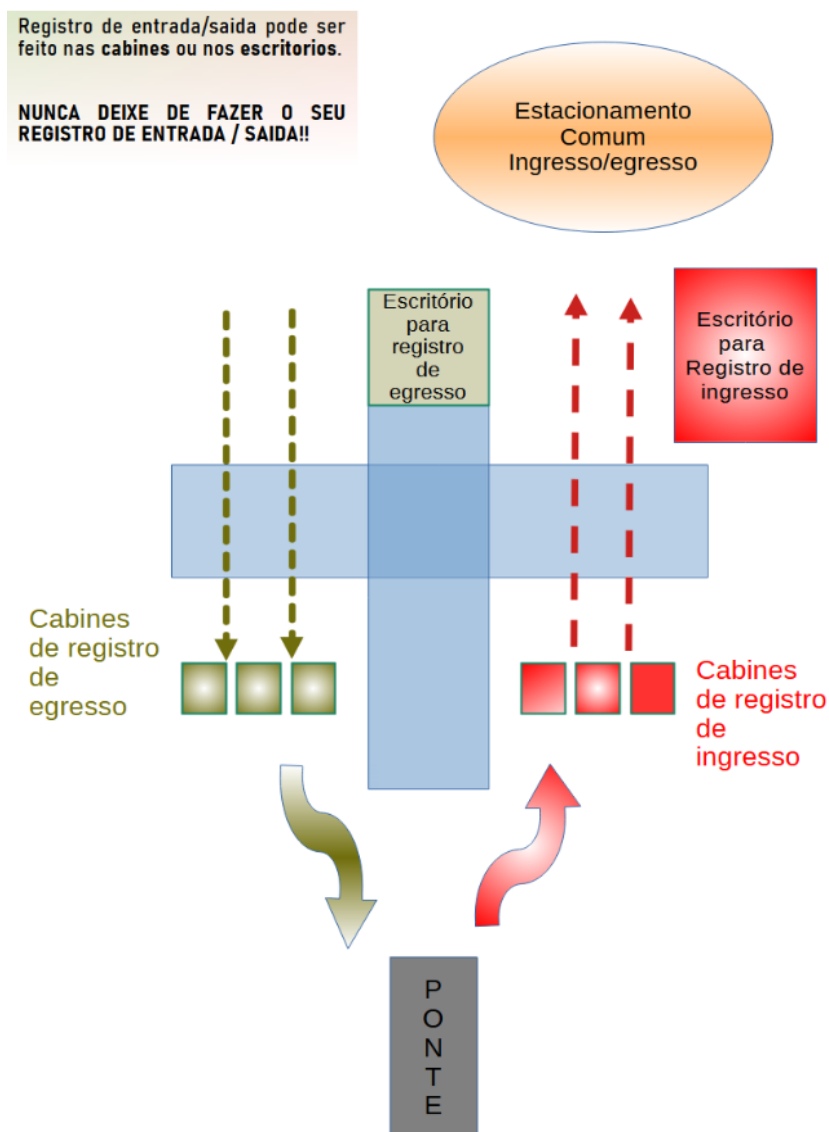
Compreender as fronteiras vai além de analisar o limite entre países. É necessário mergulhar nas tensões e contradições que permeiam o local, o regional e o nacional. As fronteiras são, portanto, um convite à reflexão crítica e à busca por soluções inovadoras para os desafios apresentados (MOTA, 2022; STURZA, 2017). Um exemplo disso é a experiência vivenciada pelos habitantes uruguaianenses, na fronteira entre as cidades Uruguaiana - Brasil e Paso de Los Libres - Argentina, onde até meados de 2022, o ingresso para a Argentina era feito de forma diferente.

Em primeiro lugar, ilustramos a experiência vivenciada pela autora. Ao atravessar a ponte e entrar no país, era preciso estacionar o carro ou a moto em um grande estacionamento, descer do automóvel e entrar em uma enorme fila para fazer o trâmite de migração. Com os documentos do veículo e as identidades de todos seus ocupantes em mãos, era necessário entregá-los a um dos agentes da AFIP⁸ que, então, emitiria, de forma impressa, o comprovante de entrada no país.

⁸ “*Administración Federal de Ingresos Públicos* é o órgão que tem como cargo a execução das políticas tributárias, aduaneira e arrecadatória dos recursos previdenciários do país.”

Atualmente, esse procedimento é feito de forma totalmente eletrônica em cabines (parecidos com o sistema de pedágios) sem que o transeunte precise descer do seu veículo, como mostra a figura abaixo (Figura 1), extraída do site oficial do governo argentino:

Figura 1 - Diagrama do Centro Fronteiriço Paso de los Libres / Uruguaiana



Fonte: Argentina (2024)

É de suma importância enfatizar que ainda há duas formas de registros migratórios, as cabines anteriormente citadas e os escritórios, existindo diversos motivos determinantes para cada tipo de migração, dentre eles:

(ADMINISTRACIÓN FEDERAL DE INGRESOS PÚBLICOS, 2024, tradução nossa). Atualmente, órgão é chamado de ARCA.

[...] Motivo del viaje; viajar con niños cuya documentación deba ser revisada en la oficina; para descomprimir el flujo de entrantes cuando éste es muy intenso; o por otras razones a discreción de la autoridad migratoria. En todo caso, las cabinas y oficinas registrarán los movimientos migratorios. **Entrar o salir de Argentina sin registrarse ante las autoridades migratorias es un acto ilegal sancionado con multa.** (ARGENTINA, 2024)⁹

Compreender as fronteiras, como sugerem Mota e Sturza, citadas anteriormente, implica em reconhecer suas complexidades e buscar soluções que as simplifiquem. Um exemplo concreto dessa necessidade de simplificação é observado nos procedimentos migratórios entre Argentina e Brasil. Conforme aponta o portal argentina.gob.ar, a entrada no país é registrada segundo o motivo da viagem, o que pode gerar procedimentos complexos, como observado na fronteira Uruguaiana-Paso de los Libres, onde os motivos *Tránsito Vecinal Fronterizo (TVF)* e Turismo são frequentes, entre muitos outros; de maneira oposta ao TVF, se enquadram em turismo aqueles que permanecem no país por mais de 72h, ou ultrapassam 50km além da fronteira, com o prazo de permanência autorizado em até 90 dias (ARGENTINA, 2024). Para agilizar as travessias, o governo argentino criou o TVF. Esse documento permite uma passagem mais rápida para imigrantes que se enquadram em critérios específicos, como “nacionales del Mercosur que residan hasta 50 kilómetros de la frontera; Pueden ingresar hasta por 72 horas; No pueden alejarse más allá de 50 kilómetros de la frontera con Argentina.” (ARGENTINA, 2024)¹⁰. Conforme o exemplar apresentado a seguir, temos (Figura 2):

⁹ “Motivo da viagem; viagem com crianças cuja documentação é conveniente conferir no escritório; para descomprimir o fluxo de ingressantes quando muito intenso; ou bem por outros motivos a critério da autoridade migratória. Em qualquer caso, cabines e escritórios farão o registro de movimentação migratória. **Ingressar ou sair da Argentina sem fazer o registro migratório resulta em uma ilegalidade punida com multa.**” (ARGENTINA, 2024, tradução nossa)

¹⁰ “a pessoas nacionais do Mercosul que moram até 50km da fronteira; Podem ingressar por até 72h; Não podem ultrapassar de 50km da fronteira argentina.” (ARGENTINA, 2024, tradução nossa)

Figura 2 - Formulário de Solicitação do TVF

 **MIGRACIONES**
MINISTERIO DEL INTERIOR, OBRAS PÚBLICAS Y VIVIENDA

 **Ministerio del Interior,
Obras Públicas y Vivienda
Presidencia de la Nación**

DIRECCIÓN NACIONAL DE MIGRACIONES DE LA REPÚBLICA ARGENTINA ANEXO II

CORRIENTES, 09/01/2020 - 11:01:39

**FORMULARIO DE SOLICITUD N°: 215999
TARJETA DE TRÁNSITO VECINAL FRONTERIZO**

Por la presente, solicito la Tarjeta de Tránsito Vecinal Fronterizo, a fin de ser utilizada para cruzar la frontera con destino a la ciudad de

DATOS DEL SOLICITANTE

Nombre / s: _____

Apellido / s: _____

Nacionalidad: BRASILEÑA

Tipo de Documento: ID

Número de Documento: _____

Fecha de Nacimiento: _____

Domicilio: _____





El solicitante declara conocer los términos del Acuerdo sobre Tránsito Vecinal Fronterizo.


DIRECCIÓN NACIONAL DE MIGRACIONES
Ministerio del Interior, Obras Públicas y Vivienda
República Argentina
08 ENE 2020
CONSTANCIA VÁLIDA POR 90 DÍAS

Firma y Aclaración del Solicitante

AUTORIDAD MIGRATORIA
Certifico que la firma que antecede fue puesta en mi presencia por la persona cuyos datos figuran en el presente formulario y que tuve a la vista la documentación exigida en el Artículo 3° del presente Acuerdo.

Firma y Aclaración del funcionario interviniente



Fonte: Arquivo pessoal.

Outro bom exemplo das soluções é que, ainda anteriormente à situação citada acima, havia o escritório de migração do lado brasileiro da ponte e atualmente as imigrações e emigrações foram unificadas na Aduaneira Argentina, do lado pertencente à Argentina da Ponte Internacional para ambos países. Portanto, pudemos conhecer e exemplificar três momentos de reflexão e solução para alguns desses conflitos e resistências estatais para com as travessias fronteiriças.

2.1. Por que Uruguaiana se faz fronteira?

A cidade em questão se encaixa em todas as características anteriormente citadas sobre o que constitui uma fronteira, visto que seu território está inserido na Linha de Fronteira Brasileira, que “se estende por 16,9 mil km, ligando o Brasil a 10 países vizinhos: Guiana Francesa, Suriname, Guiana, Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai” (IBGE, 2021), como mostrado na figura abaixo (Figura 3):

Figura 3 - Linha de Fronteira

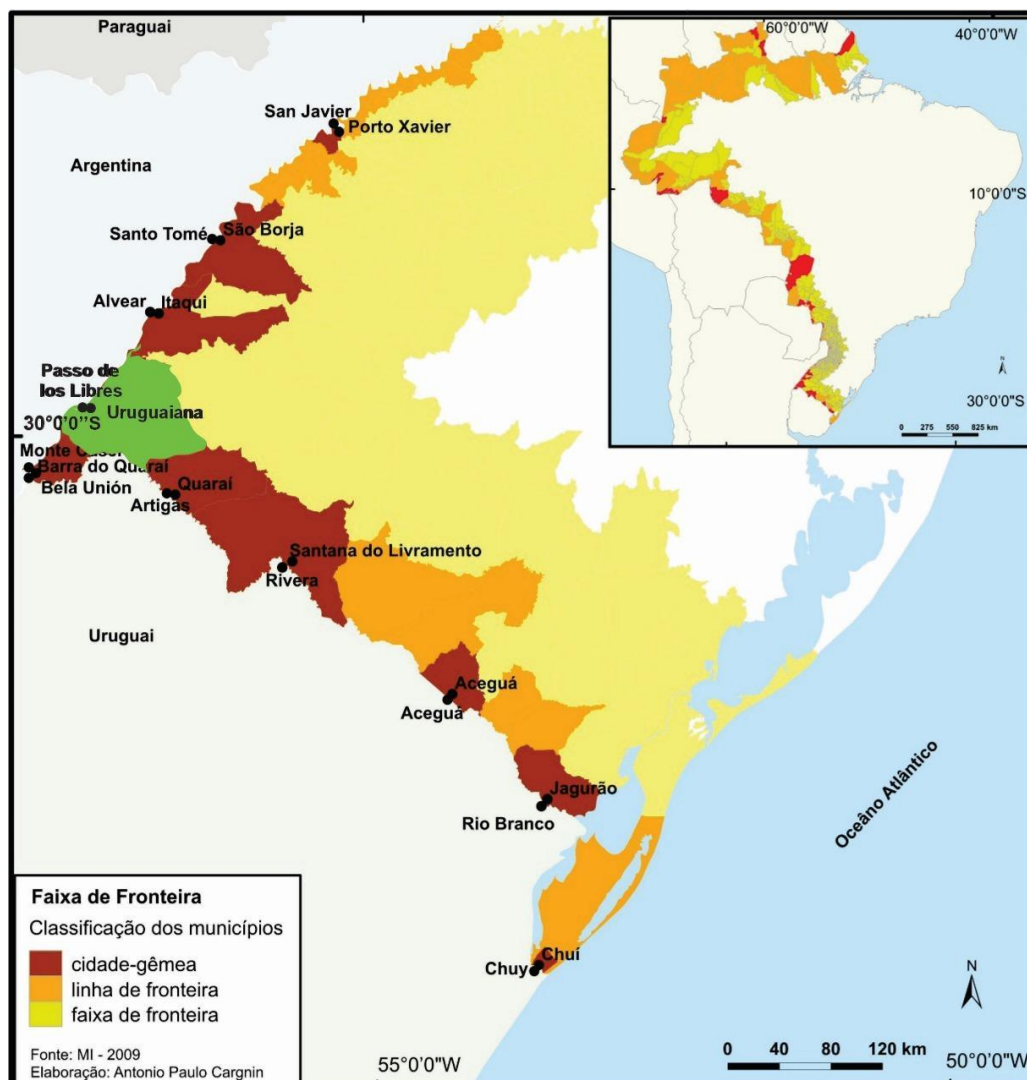


Fonte: IBGE (2021)

Além disso, quanto a sua localização, inclui-se na Faixa de Fronteira (Figura 4) delimitada pelo Brasil, como requer a Constituição Federal Brasileira:

A faixa de até cento e cinquenta quilômetros (150km) de largura, ao longo das fronteiras terrestres, designada como faixa de fronteira, é considerada fundamental para defesa do território nacional, e sua ocupação e utilização serão reguladas em lei. (BRASIL, 1988)

Figura 4 - Faixa de Fronteira no Rio Grande do Sul



Fonte: MI (2009)

E, também, abrange a região de fronteira, já que divide o Rio Uruguai com o país Argentina e garante essa constituição de um espaço mais amplo de interação e integração transfronteiriça, como dito anteriormente. Seja essa interação possível com as travessias de barco, feitas antigamente ou pela travessia terrestre, através da Ponte Internacional que liga esses dois países.

A escolha dessa cidade, além dos critérios citados acima, se dá pela personalidade e importância de tal para autora deste trabalho, uma vez que nascida nesta cidade e orgulhosa de sua “*fronteiridade*”¹¹, traz consigo grande interesse pelas peculiaridades de uma vivência fronteiriça. Considerando aspecto de um olhar

¹¹ Palavra escolhida pela autora para descrever seu orgulho por ser natural de uma cidade fronteiriça, carregando a bagagem dessa cultura híbrida. Palavra escolhida para nomear a sua identidade local, utilizando do conceito de *sentipensar*, mencionado por S. de la Torre (2002) quando escreve: “El proceso de sentipensar resulta de una modulación mutua y recurrente entre sentimiento y pensamiento que surge en el vivir / convivir de cada persona.” (TORRE; MORAES, 2002, p. 45).

mais abrangente para com Uruguaiana, destacando-a não como mais uma cidade brasileira, e sim como uma cidade **fronteiriça**, realçando as interações entre esses povos de nacionalidades diferentes, mas de vivências semelhantes; de idiomas diferentes, mas que compartilham de uma mesma linguagem; de tradições distintas, mas que ressignificam uma concepção de território e transformam-se em culturas únicas.

A seguir, trataremos de explicar, brevemente, alguns aspectos da formação sócio-histórica da cidade.

3. A FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA CIDADE DE URUGUAIANA

Uruguaiana, localizada na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, ostenta um passado complexo, moldado por diferentes culturas, conflitos e transformações sociais. Sua história, entrelaçada com a do Rio da Prata e seus vizinhos platinos, remonta aos povos indígenas que habitavam a região. Ao longo dos séculos, Uruguaiana se consolidou como um importante entreposto comercial, um caldeirão cultural vibrante e um palco de lutas pela independência e pela construção de nações.

Através de aspectos de sua formação sócio-histórica, este capítulo busca focar as dinâmicas que atuaram no processo de urbanização da cidade, visando entender as atuais. Para tal feito, organizamos o capítulo em três principais períodos, iniciando no período colonial e chegando ao processo de urbanização da região.

3.1. Portugal, Espanha e o Rio Grande do Sul Missioneiro

A história de Uruguaiana encontra-se intrinsecamente entrelaçada com a presença jesuítica e os conflitos entre as coroas portuguesa e espanhola, delineando um panorama complexo, com Portugal e Espanha buscando consolidar seus domínios na região. O interesse português, inicialmente, residia na expansão territorial e na exploração de recursos como o gado e as rotas comerciais.

Como aponta Colvero, “com os ataques dos luso-brasileiros e os interesses dos espanhóis, os jesuítas viram-se obrigados a migrar para o sul, penetrando em território sul-rio-grandense em 1626 [...] fundando as reduções.” (COLVERO, 2004,

p.19) vindos a mando da Coroa Espanhola; o conjunto de sete dessas reduções é conhecido como os Sete Povos das Missões.

Em 1640, os lusos objetivaram imiscuir-se no comércio espanhol, devido às perdas que estavam sofrendo com o fim da União Ibérica naquele ano, tendo, assim, grande ascensão de contrabando das manufaturas inglesas que os portugueses comercializavam em grande escala (COLVERO, 2004).

As Missões Jesuíticas dos Sete Povos estabeleceram-se como pólos econômicos dinâmicos no século XVIII, visto que sua economia diversificada abrangia, além das exportações citadas anteriormente, a realização de “trabalhos de fiação, tecelagem, metalurgia, ofícios vários e trabalhos artísticos, com destaque na arquitetura e escultura” (PESAVENTO, 1985, p. 12). Os missionários adaptaram a estrutura social indígena preexistente, inicialmente designando caciques para funções administrativas, que gradualmente evoluíram para cargos eletivos com o crescimento das reduções. Essas reduções formaram uma linha de expansão autônoma ao sul, distinta das esferas de influência luso-espanhola, que disputavam recursos na fronteira platina. A autonomia econômica e a influência política da Companhia de Jesus, que incluíam exportações para a Europa e tributos a Roma, geraram a percepção de um "Estado dentro do Estado" e o temor de um futuro "Império Teocrático na América" (PESAVENTO, 1985).

A complexa organização social e econômica estabelecida nos Sete Povos não apenas garantiu a subsistência das comunidades indígenas e dos próprios missionários, mas também gerou um sistema de produção com capacidade de excedente, o que, aliado à crescente influência política da Companhia de Jesus, despertou a atenção e a apreensão das coroas ibéricas, culminando em eventos que redefiniram o futuro da região e da própria ordem religiosa na América (COLVERO, 2004; FLORES, 1997; PESAVENTO, 1985; QUEVEDO, 2000).

A criação da Capitania do Rio Grande de São Pedro, em 1760, representou um marco na consolidação do domínio português na região. Contudo, a fronteira oeste permaneceu em disputa até o século XIX, quando as tropas portuguesas conquistaram as Missões Orientais, definindo os limites atuais. A economia rio-grandense, nesse período, caracterizava-se pela pecuária, com destaque para a produção de charque, impulsionada pela demanda das regiões mineradoras do Brasil. (COLVERO, 2004; FLORES, 1997; PESAVENTO, 1985; QUEVEDO, 2000).

Os tratados luso-espanhóis, como o de Tordesilhas¹² e o de Santo Ildefonso, desempenharam um papel crucial na definição e redefinição das fronteiras na América do Sul, impactando diretamente o Rio Grande do Sul. O Tratado de Madri¹³, em particular, conferiu centralidade aos Sete Povos das Missões, estabelecendo a região como zona neutra e delimitadora da fronteira. No plano econômico, houve um período de diversificação impulsionado pela chegada de imigrantes açorianos. Inicialmente, a produção de trigo representou uma importante atividade econômica, permitindo a alguns colonos acumular capital. Contudo, novas dinâmicas mercantis começaram a moldar o cenário produtivo da região, oferecendo alternativas com potencial de maior lucratividade e estabilidade (BICA, 2017; COLVERO, 2004; FLORES, 1997; PESAVENTO, 1985; QUEVEDO, 2000), tal como nos explica Pesavento quando afirma:

Ao mesmo tempo em que se desenvolvia o trigo, teve início a mercantilização da pecuária através do charque. [...] O charque que veio a transformar-se num pólo de atração muito forte, ao criar mercado regional para o gado, conferir um novo valor para a carne e ligar-se a um mercado que independia das flutuações da economia nacional[...]. (PESAVENTO, 1985, p.17).

O estabelecimento do charque como um produto de vasta comercialização não apenas reconfigurou a economia local, mas também estabeleceu uma conexão com um mercado consumidor cativo e de grande escala, o da população escravizada. Essa demanda constante conferiu resiliência à pecuária sul-rio-grandense, isolando-a, em certa medida, das instabilidades econômicas do restante do Brasil colonial. O apoio governamental, ainda que parcial, catalisou esse processo de consolidação da pecuária como um dos pilares da economia regional.

A concessão de sesmarias pela Coroa Portuguesa, incentivando a ocupação e o desenvolvimento econômico da região, atraiu não apenas aventureiros e contrabandistas, mas também membros da elite colonial, como estancieiros, militares e funcionários do Estado. A dinâmica de ocupação e exploração

¹² “O Tratado de Tordesilhas definiu as áreas de domínio do mundo extra-europeu. Demarcando os dois hemisférios, de polo a polo, deu a Portugal o direito de posse sobre a faixa de terra onde se encontrava o Brasil: ficou Portugal com as terras localizadas a leste da linha de 370 léguas traçadas a partir de Açores e Cabo Verde, e a Espanha com as terras que ficassem do lado ocidental desta linha. Ver mais em IBGE. Disponível em: <[construção do território | Tratado de Tordesilhas](#).>

¹³ O Tratado de Madri (1750) redefiniu as fronteiras entre as Américas Portuguesa e Espanhola, anulando o estabelecido no Tratado de Tordesilhas: Portugal garantia o controle da maior parte da Bacia Amazônica, enquanto que a Espanha controlava a maior parte da baixa do Prata. Nesse Tratado, o princípio do usucapião (uti possidetis), que quer dizer a terra pertence a quem a ocupa, foi levado em consideração pela primeira vez. Ver mais em IBGE. Disponível em: <[território legalizado: os tratados](#).>

econômica estabelecida a partir da concessão de sesmarias no século XVIII lançou as bases para a organização territorial e as atividades produtivas que caracterizariam a região fronteira ao longo do tempo. Esse modelo de apropriação da terra, centrado na grande propriedade rural e na exploração de recursos naturais como a pecuária, constituiu o substrato sobre o qual se desenvolveriam os futuros núcleos urbanos e a própria estrutura econômica local, como vamos discutir melhor no próximo subcapítulo.

3.2. Século XIX e o início da cidade de Uruguaiana

A gênese da formação territorial e econômica de Uruguaiana encontra suas raízes na distribuição de sesmarias na região, um processo que desencadeou a estruturação das estâncias e, conseqüentemente, da cidade; a economia local, de caráter predominantemente pastoril, é intrinsecamente ligada a essa distribuição inicial de terras; embora a área já fosse habitada por povos indígenas. A Coroa Portuguesa, por meio de seus governadores, iniciou a concessão de terras no território de São Pedro, principalmente a militares e estancieiros já estabelecidos na região oeste, mas sem títulos de propriedade oficiais. E, a partir de 1814, o regime de sesmarias foi implementado na área que hoje compreende o município de Uruguaiana, o que resultou na formação de latifúndios, extensas propriedades rurais concentradas nas mãos de poucos indivíduos (COLVERO, 2004; FONSECA, 1983).

A partir da Revolução de 1810, com a incursão castelhana nas Missões, o governo do Rio de Janeiro intensificou sua atenção para a segurança das fronteiras na região sul. A medida inicial foi a criação de uma guarnição militar na fronteira oeste, com o objetivo de proteger os interesses do Império, abrangendo as áreas de Bagé, Alegrete, o Acampamento de São Diogo e, posteriormente, Santana Velha¹⁴.

As primeiras descrições da região, pelos viajantes franceses na década de 1820, revelam um território pouco habitado e de difícil acesso, com a presença de acampamentos precários e uma economia baseada no contrabando de gado. Portanto, surgiu a necessidade de um centro administrativo e fiscal para controlar o

¹⁴ “Em 29 de maio de 1846, a povoação foi elevada à categoria de Vila e sede de um novo município com o nome de Uruguaiana, por proposição do farrapo Domingos José de Almeida, então Ministro da Fazenda do Governo Farroupilha, tornando-se assim desmembrado do município de Alegrete.”

(Câmara Municipal de Uruguaiana, 2007).

Disponível em: <<https://www.uruguaiana.rs.leg.br/institucional/historia>>

comércio e garantir a segurança da fronteira, o que levou à criação de um posto fiscal em Santana Velha, em 1839, sob jurisdição de São Borja. No entanto, as frequentes cheias do rio Uruguai e a crescente atividade comercial na região impulsionaram a transferência do povoado para um local mais seguro e estratégico (COLVERO; PANIAGUA; CARBONAI, 2014).

A escolha do novo local, em 1840, foi resultado de negociações entre estancieiros, políticos farroupilhas e autoridades locais. A localização final, conhecida como "Capão do Tigre", foi escolhida por sua posição privilegiada e por atender aos interesses financeiros dos sesmeiros da região. A criação da "Capela do Uruguai" foi oficializada, e a Câmara Municipal de Vereadores foi instalada em 1847, consolidando a organização política e administrativa da vila. Os primeiros vereadores eram, em sua maioria, sesmeiros da região, exemplificando a influência dos grandes proprietários de terra na formação da vila. A instalação da alfândega portuária em 1849 impulsionou o desenvolvimento econômico de Uruguaiana, transformando-a em um importante centro comercial na fronteira com o Uruguai. (COLVERO; PANIAGUA; CARBONAI, 2014).

A vila também desempenhou um papel estratégico durante a Guerra do Paraguai, em 1865, quando serviu como ponto de apoio para as tropas brasileiras. Uruguaiana assumiu centralidade estratégica na deflagração da Guerra do Paraguai, sendo o palco da única incursão e subsequente ocupação de território brasileiro pelas forças paraguaias em 1865. Contudo, a rápida reação da Tríplice Aliança, culminando no cerco e na rendição das tropas invasoras naquele mesmo ano, representou um ponto de inflexão crítico no conflito. Este evento não apenas frustrou a estratégia ofensiva inicial do Paraguai, mas também elevou o moral das forças aliadas, marcando o prelúdio para a contraofensiva que, em última instância, determinaria o desfecho da guerra. Portanto, Uruguaiana transcendeu a condição de mero local geográfico, inscrevendo-se na historiografia do conflito como o epicentro da primeira derrota significativa do Paraguai (DORATIOTO, 1996).

De acordo com a conclusão de Colvero:

Principiando com a doação de sesmarias, a fixação do Rio Grande do Sul foi se organizando em pequenos povoados, que deram origem, posteriormente, às cidades. Essas vilas ou cidades eram geridas apenas por um órgão político-administrativo, a Câmara de Vereadores. Pela organização espacial e política que foi desenvolvida, torna-se passível de análise o processo de urbanização que se deu no início da formação das

vilas fronteiriças, principalmente em Uruguaiana, onde fatores políticos e de imigração estrangeira tiveram papel essencial na constituição da vila. (COLVERO, 2004, p. 81)

Conforme enfatiza Colvero, a doação de sesmarias desempenhou um papel seminal na gênese dos povoados sulinos, cuja administração inicial residiu na Câmara de Vereadores. No entanto, ao analisar a formação específica de Uruguaiana, torna-se evidente que, além dessa estrutura político-administrativa local, fatores políticos regionais e a influência da imigração estrangeira foram vetores igualmente cruciais para a sua constituição e o seu processo de urbanização.

3.3. A urbanização da cidade de Uruguaiana e o espaço econômico

A figura do gaúcho, historicamente marginalizada pela elite latifundiária, foi ressignificada e incorporada como símbolo de identidade regional, pois a fronteira, ao mesmo tempo que demarca limites políticos, também se configura como espaço de trocas e influências culturais, moldando uma identidade que transcende as divisões territoriais e se adapta às relações de poder e aos interesses econômicos em constante transformação (COLVERO, 2004; GOLIN, 2004).

A região, marcada pela presença de atravessadores e, em alguns casos, contrabandistas, desenvolveu uma identidade própria, distinta de outras áreas de imigração, caracterizada pela fusão de costumes, políticas e vivências. A dinâmica de fronteira, longe de ser um limite, representava um espaço de expansão do Estado, onde a pecuária se consolidou como base econômica, impulsionando o crescimento e a urbanização de Uruguaiana. Conforme o desenlace dito por Colvero:

Pelo que foi posto anteriormente sobre a criação da vila de Uruguaiana, percebe-se a presença de interesses econômicos na formação de centros urbanos nessa região para possibilitar o escoamento da produção vinda do interior e fazer frente ao mercado platino. O porto dessa vila seria um dos melhores da bacia do rio Uruguai para comercializar as mercadorias que fossem importadas daquela região, sem necessidade de efetuar transações pelo mar. A navegação interna mostrava-se, na época, muito mais segura, pois os produtos chegavam mais rapidamente ao mercado consumidor do interior do continente. Assim, as cidades costeiras ao rio formavam uma rede de recepção e distribuição de mercadorias. (COLVERO, 2004, p. 97)

Em Uruguaiana, a economia rural, centrada na pecuária e na agricultura de subsistência, coexistia com um crescente dinamismo urbano. Este dinamismo era impulsionado pelo comércio em larga escala e pela estratégica proximidade com Argentina e Uruguai, fomentando uma intensa integração comercial com as cidades da bacia do Prata, especialmente Buenos Aires e Montevideu, que superava em intensidade as relações com Porto Alegre. Essa dinâmica comercial, favorecida pela localização estratégica e pelo porto fluvial, atraiu investimentos e empresas, consolidando a cidade como um importante polo econômico regional (COLVERO, 2004).

Uruguaiana emergiu como um relevante centro comercial na região do Rio da Prata, em parte devido à chegada de empresas europeias que introduziram novos padrões culturais e econômicos. A cidade utilizava o rio Uruguai como sua principal via de comunicação, estabelecendo rotas comerciais com outras localidades costeiras e com o exterior. O comércio fluvial era dinamizado por empresas estrangeiras, como a João Però & Cia., fundamentais na importação, exportação e distribuição de mercadorias. A localização estratégica, próxima à bacia do Prata, facilitou o fluxo de mercadorias para Buenos Aires, Montevideu e outras regiões, impulsionando o desenvolvimento de uma rota comercial significativa. Sua importância estratégica para a arrecadação de impostos e a defesa da fronteira contribuiu para seu rápido desenvolvimento econômico, com exportações de produtos da indústria pecuária já nos primeiros anos após ser elevada à categoria de vila (COLVERO, 2004; PESAVENTO, 1985).

Com as ferrovias e a navegação a vapor intensificou-se o desenvolvimento econômico da região, facilitando o transporte de mercadorias e impulsionando o comércio de contrabando, que se tornou uma prática comum na fronteira. A estação ferroviária de Uruguaiana, em particular, desempenhou um papel crucial na integração da cidade com o restante do país, permitindo o escoamento da produção local e a chegada de novos produtos e imigrantes.

A operação da ferrovia Porto Alegre-Uruguaiana começou sob gestão federal em 1883, cobrindo inicialmente o trecho entre Santo Amaro e Cachoeira do Sul, com a conexão à capital feita pelo transporte fluvial no Rio Jacuí. Sua administração foi subsequentemente transferida para companhias belgas, primeiro pela Cie. Auxiliaire em 1898, que a integrou como linha principal da Viação Férrea do Rio Grande do Sul a partir de 1905. O término da linha em Uruguaiana ocorreu em

1907; a estação local, originalmente da Brazil Great Southern, passou a ser operada por ambas as empresas a partir de 1912 e teve sua importância reconhecida com a classificação de "classe especial" em 1935. O transporte de passageiros nesta rota foi descontinuado em fevereiro de 1996. Atualmente, a Estrada de Ferro Porto Alegre-Uruguaiana é considerada parte integrante do inventário do patrimônio ferroviário do Rio Grande do Sul, catalogado pelo Iphan (IBGE, 2016).

A critério de apoio midiático, o jornal Correio do Povo, republicou em 2022 uma matéria que já havia sido publicada em 12 de janeiro de 1922, noticiando a intenção de construção da Estação Ferroviária, assim como mostra a imagem (Figura 5):

Figura 5 - Notícia da construção da Estação Ferroviária de Uruguaiana

Viação Férrea do Estado pretende construir grande estação em Uruguaiana

Correio do Povo do dia 12 de janeiro de 1922, quinta-feira, noticiava:

12/01/2022 | 5:00
Renato Bohusch



Fonte: Correio do Povo (2022)

A análise da ferrovia Porto Alegre-Uruguaiana no período imperial revela uma empreitada estatal marcada por um processo construtivo arrastado e descontínuo. Apesar dos entraves, que exigiam recorrentes reavaliações e reparos, trechos foram progressivamente inaugurados, como a chegada a Santa Maria em 1884. O projeto visava múltiplos objetivos: estratégicos, com apoio militar ao tronco principal; políticos e comerciais, conforme os interesses governamentais; e econômicos, alinhados aos setores mercantis de Porto Alegre, principais beneficiários da produção colonial. Este último grupo exerceu considerável influência no traçado da linha, defendendo sua passagem por Santa Maria para melhor integrar as promissoras zonas coloniais e consolidar sua posição como intermediários

comerciais hegemônicos na região, criticando alternativas menos eficazes como o transporte fluvial (RANSOLIN, s.d.).

Em suma, a trajetória da ferrovia de Uruguiana evidencia seu papel transformador no desenvolvimento econômico e na integração regional, apesar dos significativos desafios construtivos e operacionais inerentes ao período imperial e às subsequentes mudanças administrativas. Ao facilitar o fluxo de mercadorias e pessoas, inclusive impactando o comércio fronteiriço, e ao consolidar Uruguiana como ponto nodal, a linha e suas estruturas associadas constituem hoje um relevante patrimônio histórico, cujo estudo e preservação são fundamentais para a compreensão da dinâmica territorial e econômica do Rio Grande do Sul.

A critério de ilustração, deixamos aqui um mapa rural de Uruguiana extraída do site oficial da prefeitura de Uruguiana (Figura 6):

Figura 6 - Mapa rural da cidade de Uruguiana



Fonte: (Uruguiana, 2025)

4. O ESPAÇO DE ENUNCIÇÃO FRONTEIRIÇO E AS CENAS ENUNCIATIVAS NO COMÉRCIO URUGUAIANENSE

Para este trabalho, temos como foco de análise o funcionamento da designação em nomes de estabelecimentos no comércio fronteiriço de Uruguaiana, com foco na presença do espanhol, constituindo paisagens linguísticas, que contêm cenas enunciativas, e conseqüentemente, falamos do espaço de enunciação fronteiriço. Para a análise neste capítulo, necessitamos ter em mente esses conceitos, elucidaremos alguns:

4.1. A tríade dos sentidos: paisagens linguísticas, cenas enunciativas e espaço de enunciação fronteiriço

Primeiramente, precisamos entender o acontecimento da enunciação. Utilizando dos trabalhos escritos por Eduardo Guimarães, entendemos a **enunciação** como “acontecimento do funcionamento da língua num espaço de enunciação”, ou seja, “o acontecimento do dizer” (GUIMARÃES, 2018, p.19-23). Como especificado na introdução, esse acontecimento é o que temporaliza, o que dá sentido para o enunciado, atualizando-o. A partir deste conceito de acontecimento da enunciação, podemos entender os **espaços de enunciação**, que são, como define Guimarães:

Os espaços de enunciação são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços “habitados” por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. (GUIMARÃES, 2002, p. 18 apud GUIMARÃES, 2014, p. 51)

Na linguística, a enunciação, ato de produzir enunciados para comunicação, ocorre em espaços dinâmicos e transformáveis, onde línguas e modos de falar se misturam e competem. Guimarães destaca que esses espaços são “habitados” por falantes com diferentes direitos e modos de usar a língua, gerando disputas e tensões. Essa divisão, onde nem todos têm o mesmo acesso ou autoridade linguística, evidencia as relações de poder na linguagem, influenciadas por fatores como classe social, gênero, raça e etnia (GUIMARÃES, 2018). Para esclarecer essa questão, imaginamos uma praça movimentada, onde diversas pessoas se

encontram para conversar. Essa praça está em constante mudança, com novas pessoas chegando, diferentes grupos utilizando suas próprias línguas e falares, e algumas vozes sendo ouvidas com mais atenção do que outras.

Lembremo-nos, que apesar do uso de “praça” no exemplo, o espaço de enunciação não se trata de um espaço físico, e sim do espaço abstrato no qual a língua e os falantes ocupam, o espaço de enunciação é “o espaço de relações de línguas no qual elas funcionam na sua relação com os falantes” (GUIMARÃES, 2018, p. 23). Guimarães elucida o conceito de falantes quando diz “o falante não é uma pessoa, enquanto tal, um ser físico, biológico, psíquico. O *falante* é um ‘ser’ de linguagem, constituído por uma relação de línguas”, isto é, o espaço de enunciação não se trata apenas da relação língua-falante, mais complexo que isso, estamos falando de “uma relação de línguas a línguas e de línguas a falantes e de falantes a falantes”. (GUIMARÃES, 2018, p. 26).

Em se tratando das **paisagens linguísticas**, voltando ao exemplo, tomemos, de volta, a praça. Nessa praça, as paisagens linguísticas são os elementos visuais e textuais que compõem o ambiente: placas, letreiros, cartazes, grafites e outros elementos visuais e textuais. Cada um desses elementos significa, contribuindo para a construção do sentido do lugar. O conceito de paisagens linguísticas, conforme explorado por Maurício Engroff Bratz em seus estudos, será aprofundado a seguir. Para Bratz (2023), as paisagens linguísticas não são apenas objetos estáticos, mas sim participantes ativos do acontecimento enunciativo. Ou seja, elas fazem parte do processo de produção de sentidos que ocorre na interlocução entre os falantes. A título de exemplo, na praça, uma placa com um aviso pode gerar uma sequência de comentários e reações entre os transeuntes. De acordo com Bratz:

Quando nos deparamos com a palavra “paisagem”, geralmente nos vem à mente uma imagem bonita, pois imagens bonitas sempre deixam marcas em nossa memória. Assim, percebemos o funcionamento da memória e da história, relacionadas às imagens que temos de tudo que passa aos nossos olhos. O dicionário Aurélio traz a definição de paisagem como “espaço de terreno que abrange um lance de vista; pintura, gravura ou desenho que representa uma paisagem”. Ao tratar das “Paisagens Linguísticas”, relacionamos imagens e línguas. (BRATZ, 2023, p. 75)

A intercompreensão, facilitada pela coexistência de diferentes línguas e pela adaptação dos falantes, manifesta-se na materialidade textual dos enunciados presentes nas paisagens, demonstrando a relevância da linguagem na interação

social e na formação de sentidos e das identidades dos sujeitos, no entendimento deste trabalho, fronteiriços¹⁵. Análogo a isso, na nossa praça, as pessoas falam diferentes línguas, como português e espanhol, e, às vezes, misturam ambas. As placas, os cartazes e os letreiros da praça também são enunciados nessas línguas, mostrando como o enunciar ali nos leva a vislumbrar a existência de práticas linguísticas e culturas híbridas. Nesse espaço, os falantes se entendem e produzem sentidos, mesmo com as diferenças, e isso mostra como a linguagem é importante para construir a identidade daquele lugar, que é único por causa da fronteira. Se entendem graças à intercompreensão¹⁶, por partilharem sentidos em um espaço de enunciação fronteiriço.

Portanto, essa dinâmica linguística observada na praça, com sua mistura de línguas e práticas linguísticas, nos exemplifica a intercompreensão em espaços fronteiriços. A sequência enunciativa, também posta em análise por Bratz (2023), ao evidenciar a interconexão dos enunciados, elucida o arranjo de sentidos que constitui a identidade e a interação social nesse ambiente singular. A partir dessa compreensão da linguagem como elemento central na construção da identidade dos sujeitos fronteiriços, podemos agora explorar o conceito de Espaço de Enunciação Fronteiriço e as Cenas Enunciativas no subcapítulo a seguir.

4.2. Fronteira e Enunciação: Espaço e Cenas

Enquanto Guimarães oferece uma visão geral do espaço de enunciação como um campo de disputas políticas, Sturza aplica esse conceito ao contexto específico das fronteiras, onde a interação entre línguas e culturas gera identidades e práticas linguísticas particulares. O **Espaço de Enunciação Fronteiriço** é caracterizado como uma área única onde as línguas não são somente faladas, mas também enunciadas de uma forma que significa o contexto sócio-histórico da fronteira. Esse espaço é distinto dos espaços de enunciação nacionais das línguas envolvidas, ao ser influenciado pelas interações e relações entre o português, o espanhol e outras

¹⁵ Utilizo, aqui, esse termo segundo trabalhos de Sturza e Tatsch (2016); Sturza (2010).

¹⁶ “Enquanto uma prática linguística e comunicativa, a mistura é potencializada pela intercompreensão construída a partir da proximidade linguística entre as duas línguas. Além disso, a intercompreensão também se torna mais efetiva à medida que verificamos a existência de uma gama de identificações culturais, dada pelo nível de convivência entre os falantes de português e espanhol [...]” (STURZA, 2019, p. 99)

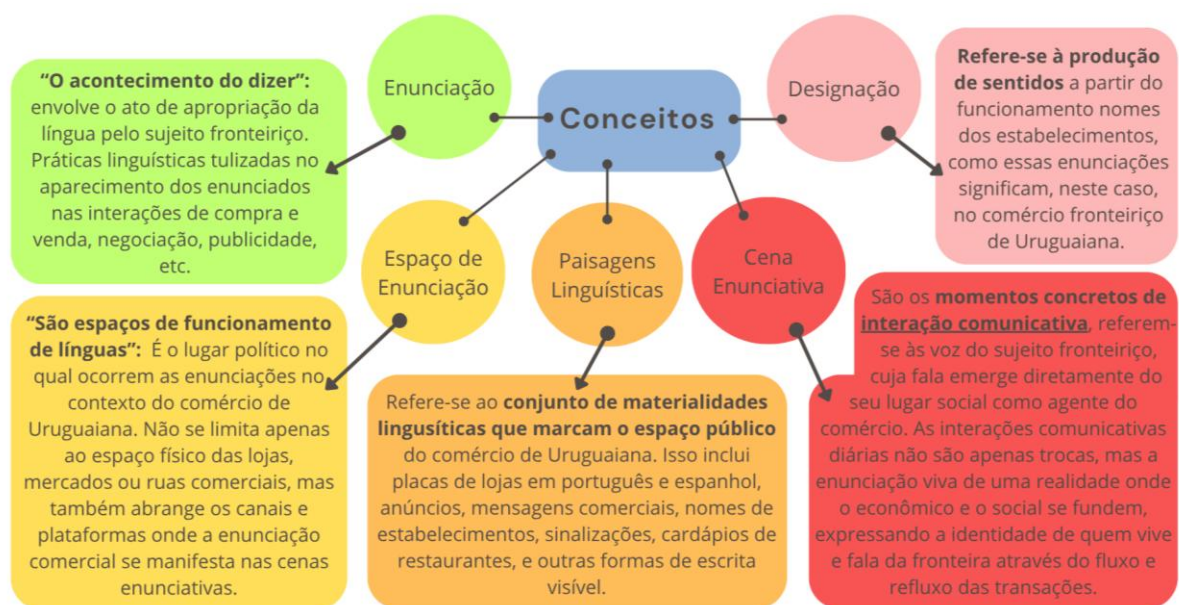
línguas no contexto da fronteira, e neste caso, Uruguaiana - Paso de Los Libres (Sturza, 2006).

Precisamos, agora, entender o que é **Cena Enunciativa**¹⁷ para tomarmos o comércio Uruguaianense como tal e seguirmos a nossa proposta de análise. Adotemos, retornamos ao exemplo, a praça como uma cena enunciativa, visto que a praça, com seus bancos, árvores, coreto e outros elementos, representa o "palco" onde a comunicação acontece; assim como em uma cena enunciativa, a praça é o "local" onde as interações sociais se desenrolam. As pessoas que circulam pela praça, cada uma com suas histórias, memórias e formas de se significar, são os "participantes" da cena enunciativa; assim como em uma conversa, onde temos o locutor e o alocutário, na praça temos uma diversidade de vozes e perspectivas. O clima, a hora do dia, os eventos que acontecem na praça e a atmosfera geral do local, ou seja, as condições sócio-históricas, atualizam-se na temporalidade da cena enunciativa; assim como o contexto influencia como nos comunicamos, a atmosfera da praça incide interações que ali ocorrem. A praça, enquanto lugar de encontros e fluxos, possui uma paisagem linguística dinâmica, formada pela multiplicidade de enunciados que ali ocorrem.

Para melhor compreensão desses conceitos em relação ao comércio Uruguaianense, apresentamos o mapa conceitual (Figura 7) a seguir:

Figura 7 - O espaço de enunciação fronteiriço e as cenas enunciativas no comércio uruguaianense

¹⁷ Neste trabalho, tomamos as cenas enunciativas como inserida nas paisagens linguísticas, conceituando a situação entre locutor e alocutário, conforme os estudos de Guimarães (2018).



Fonte: Autores.

Esta pesquisa, ao analisar as designações de estabelecimentos comerciais em Uruguaiana sob a ótica da Semântica do Acontecimento, procurar aclarar como essas materialidades escritas funcionam enunciativamente no espaço fronteiriço. A metodologia de natureza qualitativa e exploratória, adotando a coleta de dados *in loco* por meio de registro fotográfico e observação participante em diferentes pontos do comércio local, e análise sob um olhar semântico-enunciativo utilizada no presente trabalho será melhor detalhada nos próximos capítulos.

5. DO NOME À MEMÓRIA: UMA VISÃO SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA

Este capítulo descreve a abordagem metodológica adotada na presente investigação, que se ancora no arcabouço teórico-metodológico da Semântica da Enunciação, cujos fundamentos foram propostos e desenvolvidos por Guimarães (2003; 2005; 2018). A escolha da Semântica da Enunciação como referencial teórico justifica-se por sua capacidade de analisar a linguagem em seu funcionamento, compreendendo a designação não somente como um ato de nomeação, mas como um processo enunciativo de produção de sentidos (GUIMARÃES, 2003; 2005; 2018).

Nessa direção, a investigação busca explorar como a língua espanhola - em interface com a língua portuguesa - provavelmente se manifeste no funcionamento da designação dos comércios, revelando as práticas linguísticas estabelecidas na região de fronteira. Ademais, a pesquisa analisa a importância do contexto sócio-

histórico na conformação da paisagem linguística de Uruguiana. Nessa linha, entendemos ser fundamental considerar como as dinâmicas sociais e históricas da cidade determinam historicamente as práticas linguísticas observadas no âmbito comercial atual e os sentidos produzidos. Além disso, a fundamentação teórica também se apoia em estudos prévios que investigam fenômenos linguísticos em contextos de fronteira, como as pesquisas de Bär e Sturza (2017), Mota, Branco e Ferreira (2022) e Bratz (2023), que oferecem *insights* relevantes para a análise dessas “travessias linguísticas” no espaço fronteiriço.

Dessa forma, a metodologia adotada neste estudo, qualitativa e exploratória, foi feita a partir da coleta de dados *in loco*, e a composição de um arquivo tabelado e categoricamente organizado. A título de organização, as categorias são: nome, tipo (loja, fábrica, mercado), endereço, e registros fotográficos (fachada e logo atualizadas). A análise considera um olhar enunciativo dos nomes, a partir da categoria de designação, ou seja, funcionamento das línguas e a produção de sentidos dos nomes dos estabelecimentos, bem como as dinâmicas fronteiriças articuladas às condições sócio-históricas, visando uma interpretação das interações entre as línguas e as identidades na fronteira Brasil-Argentina. Os procedimentos específicos de coleta do arquivo e determinação do *corpus* para análise dos dados serão detalhados nas seções subsequentes deste capítulo.

5.1. Primeiros passos da investigação: a seleção e composição do corpus

A presente etapa da investigação se dedica a elucidar como se deu a composição do arquivo, composto por 29 nomes de estabelecimentos comerciais dos mais diversos ramos de atividade e endereços, todos localizados na cidade de Uruguiana, abrangendo desde a área central até bairros não centrais. A seleção dessas designações ocorreu por meio da identificação e categorização dos nomes dos estabelecimentos, objetivando abranger a diversidade linguística presente no comércio local, que inclui a influência de muitas outras línguas além do espanhol. Em se tratando dos registros utilizados, como fotos da fachada atual (registros feitos pela autora deste trabalho), os logotipos dos estabelecimentos (registradas via fotografias e também recolhidas das web páginas de cada estabelecimento), além de uma planilha feita para melhor categorização e organização dos dados; todos esses registros feitos durante o período de 2023 a 2025. Contudo, para fins

específicos desta pesquisa, o foco recai sobre as manifestações da língua espanhola nas designações comerciais de Uruguaiana.

Para a composição do arquivo, foram estabelecidas três critérios principais, propondo explorar as diferentes formas de manifestação linguística no contexto fronteiriço, a saber: nomes inteiramente em espanhol (engloba designações de estabelecimentos comerciais escritos em sua totalidade na língua espanhola); nomes parcialmente em espanhol (compreende designações que combinam elementos em espanhol e em português); e nomes em português que remetem à fronteira (esta categoria inclui designações que, embora integralmente em língua portuguesa, fazem alusão direta ou indireta à condição fronteiriça). A análise destes nomes visa compreender como a identidade fronteiriça é construída linguisticamente mesmo na ausência explícita do espanhol na designação.

É importante ressaltar que, para a análise que se seguirá ao decorrer do trabalho, uma vez recortado o arquivo, o foco principal recairá sobre um *corpus* constituído pelos nomes de estabelecimentos que apresentam escrita total ou parcialmente em língua espanhola, além dos artigos definidos em espanhol: “La”, “El”, “Las” e “Los”. A inclusão dos nomes em português com referência à fronteira será considerada como um elemento contextualizador importante para a compreensão da paisagem linguística local, mas a investigação central se concentrará nas manifestações diretas da língua espanhola no comércio de Uruguaiana.

5.2. A presença do espanhol em foco: constituição do corpus central da análise

A composição inicial do *corpus* direciona o olhar para um grupo específico de nomes de estabelecimentos comerciais que se destacam pela combinação de um determinante em língua espanhola (os artigos definidos *La*, *El* e *Los*, tanto em suas formas singulares quanto plurais) com uma forma nominal que, por sua vez, pode apresentar-se em espanhol, em português ou, menos frequente, em outras línguas.

O critério para a seleção inicial destas designações reside, em consonância com os achados de Bär e Sturza (2017) e Mota, Branco e Ferreira (2022), na presença do espanhol através do determinante, funcionando como um indicativo formal da presença da língua espanhola na nomeação dos estabelecimentos. A

variedade dos substantivos que acompanham esses determinantes sugere práticas linguísticas híbridas e interlocuções marcadas por mais de uma língua por parte dos comerciantes, ilustrando o conceito de travessias linguísticas.

Para ilustrar a composição do corpus, apresentam-se alguns exemplos das designações identificadas: *La Frontera, La Carmencita, La Cumparsita, La Luna, La Gloria, La Vytrina, La Pizzaria, La Griff, El Turco, El Ico e Los Hermanos*. Os diversos substantivos, que abrangem desde palavras claramente hispânicas (como *carmencita, cumparsita, luna, gloria, hermanos e frontera*), vocábulos em língua espanhola com a grafia adaptada (*Vytrina*), palavra de outra língua já incorporada ao português (*pizzaria*, voz de origem italiana) e também, um termo em outra língua (*Griff*); quando combinados com o artigo determinante em espanhol.

Estabelecido o *corpus* constituído por nomes dos estabelecimentos comerciais, marcadas pela presença de artigos determinantes em espanhol e ilustrada sua composição com exemplos, o capítulo seguinte apresentará a análise adotando a perspectiva semântico-enunciativa para investigar o funcionamento dessas línguas nesta materialidade.

6. ANÁLISE SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA DOS NOMES DOS ESTABELECEMENTOS COMERCIAIS DE URUGUAIANA: A DESIGNAÇÃO

Pesquisas anteriores em contextos fronteiriços semelhantes têm frequentemente apontado para a utilização de determinantes em espanhol como modo recorrente de inscrição da língua espanhola no cenário comercial. Esse funcionamento linguístico no espaço comercial de Uruguaiana sugere o reconhecimento e a valorização da língua espanhola, possivelmente associados à identidade regional, ao intenso trânsito de pessoas e mercadorias, e às complexas relações culturais estabelecidas na fronteira Brasil-Argentina (BÄR; STURZA, 2017; MOTA ET AL., 2022; BRATZ, 2023). Inspirados nesses trabalhos, que evidenciaram a relevância da língua espanhola nas designações comerciais de Uruguaiana, Bagé e Porto Xavier, respectivamente, nosso objetivo é aprofundar a compreensão sobre como essas formações nominais¹⁸ funcionam em cenas enunciativas produzindo sentidos no espaço fronteiriço, especificamente na cidade de Uruguaiana.

¹⁸ Utilizamos o termo “formas nominais” conforme os estudos de DIAS (2013).

Desse modo, nosso foco recai sobre aquelas caracterizadas pela combinação de artigos determinantes em espanhol (*La, El, Los*) com nomes em espanhol, português ou, ainda, outras línguas. Busca-se, assim, compreender como as “travessias linguísticas”, materializadas nessas designações, configuram um espaço de enunciação específico e como o determinante em espanhol atua como um modo de significar e identificar esses estabelecimentos para sujeitos inseridos nesse contexto.

6.1. A semântica do acontecimento como chave interpretativa para os nomes comerciais fronteiriços

Para a análise do *corpus* constituído por designações comerciais híbridas em zonas de fronteira, este estudo filia-se integralmente à Semântica do Acontecimento, que aqui irei referir como SA, proposta por Eduardo Guimarães (2005). Esta perspectiva teórica oferece as ferramentas conceituais necessárias para transcender a mera descrição formal dos fenômenos linguísticos, permitindo investigar o modo pelo qual os sentidos são produzidos em eventos de enunciação.

A SA postula que o sentido não reside de forma intrínseca na palavra ou na frase isolada, mas emerge de uma relação dinâmica e indissociável entre a língua, o sujeito e a história, configurada em uma cena enunciativa específica (GUIMARÃES, 2005). No contexto das designações comerciais de fronteira, a cena enunciativa é compreendida em sua dimensão, englobando:

- **A materialidade linguística:** os nomes dos estabelecimentos em si, com suas composições híbridas e suas particularidades formais.
- **O espaço físico da fronteira:** as ruas, os bairros, a cidade em sua totalidade, com suas marcas históricas, culturais e geográficas que permeiam a leitura e a constituição dos sentidos desses nomes, conforme Bär e Sturza, (2017) e Mota, Branco e Ferreira, (2022). Este espaço não é um mero pano de fundo, mas um elemento ativo no acontecimento da enunciação.
- **Os sujeitos envolvidos:** os comerciantes que, a partir de um lugar de dizer, assumem a palavra como sujeitos enunciativos ao nomearem seus estabelecimentos; os consumidores, tanto locais quanto transfronteiriços, que, também de um lugar enunciativo, funcionam como sujeitos

interpretantes; e a comunidade em geral, que interage com essas designações na paisagem linguística, conforme Bratz (2023).

- **As condições de produção e circulação:** as relações comerciais transfronteiriças, os fluxos migratórios e turísticos, as memórias e histórias compartilhadas pelos habitantes da fronteira, que se atualizam e se inscrevem nas práticas de nomeação.

Um conceito central na SA é o do "memorável", que se refere àquilo que, na linguagem, tem a capacidade de reativar a memória histórica e social (GUIMARÃES, 2005).

A presença recorrente do artigo determinante em espanhol (*La, El, Los*) nas designações comerciais do *corpus* funciona como recorte de um memorável na produção de sentidos. Essa escolha formal, aparentemente simples, mobiliza a uma história de contato linguístico, de imigração e de interações socioculturais que caracterizam a região fronteiriça, mesmo que o substantivo que o acompanha seja de outra língua. É o "rastros" de um acontecimento passado que se faz presente no ato de nomear.

Adicionalmente, a SA considera as designações como **acontecimentos de sentido**. Elas não são meros rótulos ou identificadores inertes; são, antes, atos de nomeação que, ao nomearem, produzem sentidos específicos naquele lugar e momento (GUIMARÃES, 2005). Tais atos se inscrevem em uma memória discursiva, contribuindo para a construção e o reconhecimento de identidades locais e das dinâmicas próprias da fronteira.

O emprego dos artigos *La, El, Los*, nesse contexto, transcende sua função gramatical de determinante. Eles atuam como fragmentos de um acontecimento de linguagem mais amplo, significando a uma história de circulação e presença da língua espanhola no espaço social e comercial da fronteira.

Desse modo, a metodologia da Semântica do Acontecimento permite um olhar sobre as relações de significação que se imbricam nas designações comerciais, entendendo-as como manifestações de uma complexa teia de relações linguísticas, históricas e sociais que caracterizam a vida na fronteira.

6.2. O artigo determinante em espanhol: a fronteira significada pela língua

Esta seção dedica-se à análise dos nomes dos estabelecimentos comerciais que compõem o *corpus* selecionado através da categoria analítica da designação, abordando-as sob a perspectiva da SA proposta por Eduardo Guimarães. Para o estudioso, o sentido não é uma propriedade inerente à palavra, mas emerge da relação entre a língua, o sujeito e a história em um determinado acontecimento de enunciação, portanto, as designações comerciais não são meros rótulos ou identificadores; elas são atos de nomeação que, ao materializarem-se no espaço urbano, produzem sentidos específicos para os sujeitos que por ele circulam e com ele interagem.

Amostra do *corpus*, rerepresentados para análise (Quadro 1):

Quadro 1 – Nomes dos estabelecimentos comerciais de Uruguiana

FACHADA	NOME	LOGO
	<p><i>La Frontera</i></p>	
	<p><i>La Carmencita</i></p>	
	<p><i>La Cumparsita</i></p>	<p>SEM LOGO</p>

	<p><i>La Luna</i></p>	
	<p><i>La Gloria</i></p>	
	<p><i>La Vytrina</i></p>	
	<p><i>La Pizzaria</i></p>	
	<p><i>La Griff</i></p>	
	<p><i>El Turco</i></p>	

	<p><i>El Ico</i></p>	
	<p><i>Los Hermanos</i></p>	

Fonte: arquivo pessoal

O corpus para esta análise é constituído por nomes dos estabelecimentos comerciais da região de fronteira que apresentam a seguinte estrutura formal:

- Determinante em espanhol: exclusivamente os artigos definidos *La, El, Los* (e suas formas plurais *Las, Los*), sendo este o critério de inclusão primordial;
- Forma nominal: O nome que acompanha o determinante, podendo estar em espanhol (ex.: *Carmencita, Luna, Hermanos, Vytrina*), embora "Vytrina" seja uma grafia que já aponta para uma adaptação, em português (ex.: pizzaria), ou, menos frequentemente, em outras línguas (ex.: *Griff*).

A seleção a), onde há uma confluência e uma acomodação mútua entre os idiomas. O *La* não é apenas um artigo gramatical, mas um fragmento de um acontecimento de linguagem que encapsula a fluidez linguística da região, tornando a nomeação um ato não arbitrário, que reflete essa "mistura" nestas designações; uma prática enunciativa recorrente nas fronteiras, onde a "mescla" linguística se manifesta de forma explícita na paisagem. A heterogeneidade dos substantivos é o que torna este corpus particularmente valioso para uma análise semântico-enunciativa das "travessias linguísticas", travessias essas que ilustram esse movimentar-se entre línguas que o sujeito fronteiro falante experimenta ao enunciar nessa fronteira.

6.2.1. O artigo determinante em espanhol: um modo de significar na cena enunciativa fronteiriça

A presença do artigo determinante em espanhol – *La, El, Los* – nas designações comerciais transcende sua função gramatical de concordância e determinação. Sob o viés da SA, esses artigos operam como um **índice de uma memória discursiva** inerente ao espaço de fronteira. Ao se deparar com uma designação como *La Pizzeria, La Frontera* ou *El Turco*, por exemplo, o sujeito inserido na dinâmica fronteiriça é remetido, pela própria materialidade linguística, a uma história de contatos, intercâmbios e coexistência com a língua e a cultura espanhola.

Essa remissão não é um ato de consciência plena, mas um funcionamento do "memorável" (GUIMARÃES, 2005), aquilo que, na linguagem, reativa as camadas de sentido sedimentadas na história social. O artigo em espanhol funciona, assim, como um disparador dessa memória, inscrevendo o estabelecimento comercial em uma cena enunciativa que excede o mero ato de comercialização. Ele situa o local em um território de contatos linguísticos e culturais, mesmo que o substantivo que o acompanha não seja de origem hispânica.

A escolha do artigo em espanhol, portanto, reflete a presença do "outro" (o hispano-falante, a cultura vizinha) na própria enunciação do "eu" (o estabelecimento comercial, a cidade). É uma manifestação linguística da porosidade da fronteira, onde a identidade local é construída na intersecção e na apropriação de elementos do "outro". Essa apropriação pode ser estratégica, buscando atrair um público transfronteiriço, ou pode ser uma manifestação espontânea de uma identidade híbrida que se forjou nas interações cotidianas da região. A linguagem, neste caso, não apenas reflete, mas participa ativamente da construção dessa identidade fronteiriça.

7. AS FORMAÇÕES NOMINAIS HÍBRIDAS: ENTRE A DIFERENÇA E A IDENTIDADE NO ACONTECIMENTO DA NOMEAÇÃO/DESIGNAÇÃO

A análise das formações nominais em que aparecem os artigos determinantes em espanhol revela as diferentes práticas enunciativas que caracterizam a

paisagem linguística de fronteira, demonstrando a complexidade do acontecimento da nomeação.

7.1. Formações nominais em espanhol (e seus matizes)

Designações como *La Carmencita*, *La Cumparsita*, *La Luna*, *La Gloria* e *Los Hermanos* evidenciam uma forte ligação com o universo hispânico. A combinação do artigo espanhol com um substantivo também em espanhol (e, em alguns casos, com diminutivos como “-cita”, que carregam afetividade e familiaridade) cria uma cena enunciativa que remete diretamente à cultura e às referências hispânicas. *El Ico*, *La Carmencita*, *La Cumparsita* e *La Gloria*, por exemplo, podem evocar não somente um nome próprio, mas também canções, danças ou figuras culturais que fazem parte do imaginário compartilhado na fronteira.

É de suma importância destacarmos aqui que a distinção fundamental entre nomes próprios e nomes comuns reside na sua função designativa e na forma como constroem sentido. Enquanto um nome comum, como restaurante ou loja, possibilita categorizar e descrever uma classe de entidades, o nome próprio tem a função singular de designar um ser particular e único, sem a intenção de detalhar suas propriedades intrínsecas. É nessa particularidade que reside a riqueza semântica do nome próprio. (GUIMARÃES, 2005; GUIMARÃES, 2018)

Tomemos, por exemplo, o nome *El Ico*. Ao contrário de um nome comum, ele não nos oferece uma descrição do que “*Ico*” realmente é. Não existe um significado universal para *Ico* que se encontraria em um dicionário de termos comuns; sua função é simplesmente identificar um estabelecimento específico em Uruguiana. O verdadeiro sentido de *El Ico* é construído ao longo do tempo, moldado pela história do lugar, pelas experiências dos clientes e pela reputação que ele adquire na comunidade. Se *El Ico* é uma loja de bijuterias, o nome naturalmente evocará lembranças de longos momentos escolhendo peças, pingentes, correntes, presentes para celebrações e momentos vividos ali, transformando o *Ico* em um acontecimento de sentido por ser um ato de nomeação que gera significados específicos para aquele local e momento. Como dito por Bär (2016, p.73-74) , *El Ico* rememora o ato de nomeação do proprietário:

Ico é um afixo diminutivo da língua espanhola, dando a ideia de algo pequeno ou de pouca importância, assim como pode ser uma expressão de carinho ou afeto. No caso da designação *El Ico* este é o apelido do primeiro proprietário do estabelecimento comercial. A primeira designação ocorreu por causa de um atributo físico, pois o proprietário é de estatura baixa, exatamente o que o afixo representa para a língua espanhola, ideia de algo pequeno. Tanto o uso do artigo "el" como do diminutivo "ico" remetem a sua origem uruguaia.

Ou seja, *El Ico*, é ressignificado e atualizado quando passa a nomear a um estabelecimento comercial. (BÄR; STURZA, 2017; GUIMARÃES, 2005; GUIMARÃES, 2018).

Da mesma forma, "La Carmencita" e "La Cumparsita" ilustram essa dinâmica. O nome, por si só, não descreve as características do estabelecimento que designa, ao primeiro contato com este nome, não sabemos se é uma loja, um restaurante ou outro tipo de comércio. *Carmencita* é diminutivo afetivo que pode sugerir uma origem familiar, a importância de uma figura feminina ou até mesmo uma influência da cultura hispânica, como corrobora um vídeo publicado no perfil oficial do restaurante no Instagram (@lacarmencitarestaurante, 2025), em que a proprietária indica ser este o mesmo nome de sua sogra. Como afirmado por Bär, que também analisou a designação deste estabelecimento em sua dissertação, a homenagem remonta o processo de ressignificação "La carmencita passa a ser algo *memorável*. Houve um processo de ressignificação em relação à primeira enunciação, pois toda enunciação é única e irrepetível." (BÄR, 2016). Já *Cumparsita*, recorta um memorável musical e cultural compartilhado na região do Rio da Prata, quando faz referência ao tango "La Cumparsita", de autoria do uruguaio Gerardo Matos Rodriguez. Contudo, o que realmente confere sentido a *La Carmencita* e *La Cumparsita* é o uso que as pessoas fazem dele, o que ele representa para a comunidade local e a **memória discursiva** que se inscreve em seu nome. É a história e a vida que se desenrolam em torno desse nome que o carregam de significado (BÄR, 2016; BÄR; STURZA, 2017; SOUZA, 2015; GUIMARÃES, 2018).

No caso de "La Gloria", embora glória seja uma palavra comum com um sentido descritivo (fama, esplendor), quando empregada como nome próprio de um estabelecimento comercial, ela se desvincula desse sentido principal. *La Gloria* não é uma loja que é gloriosa, mas sim um designador de um local específico. O sentido de *glória* aqui é ativado como um acontecimento de linguagem, contribuindo ativamente para a identidade do lugar. Pode ser uma aspiração, uma homenagem

ou apenas um nome escolhido que, com o tempo, adquire seus próprios significados peculiares, intrinsecamente ligados ao estabelecimento (SOUZA, 2015; GUIMARÃES, 2018)

“*Los Hermanos*”, por sua vez, pode significar tanto uma relação familiar de proprietários quanto uma conotação de união e solidariedade, frequentemente presente em comunidades fronteiriças, onde os laços ultrapassam as fronteiras políticas. Assim como dito no trabalho de Mota, Branco e Ferreira (2022), em Bagé havia um estabelecimento nomeado, também, como *Los Hermanos*, em ambas as localidades, que partilham a proximidade com o Uruguai e Argentina, a escolha de um nome em espanhol, como *Los Hermanos*, não é meramente uma opção lexical, mas um ato enunciativo profundo que reflete o memorável e as relações sociais historicamente construídas na fronteira. O termo *Hermanos*, significando irmãos, evoca um senso de familiaridade, parceria e união, podendo remeter tanto aos proprietários quanto às próprias comunidades hispanofalantes e/ou lusofalantes. Essa designação, ao não descrever as propriedades intrínsecas do estabelecimento, mas sim designá-lo de forma única, contribui ativamente para a construção de sentidos específicos naquele espaço fronteiriço, manifestando a apropriação e a territorialização da língua espanhola como parte integrante da identidade local e dos sujeitos que ali circulam, transformando o nome próprio em um acontecimento de linguagem que materializa a fluidez e a intersecção das culturas e línguas na fronteira.

Também temos o caso de *El Turco*, que, assim como os citados acima, ao primeiro contato, não nos remete a categoria de estabelecimento ou ao ser originário da Turquia. O termo *Turco* aqui se refere a como os Uruguaienses costumam chamar aqueles de origem árabe, sem especificar qual país árabe se é oriundo. A utilização deste termo como nomenclatura comercial atua como uma ressignificação de um termo que, antigamente, era usado pejorativamente para designar qualquer pessoa de origem árabe, sem se importar com as particularidades de suas origens específicas, já que é utilizado para nomear uma das lojas da rede de mercados Baklizi, na qual o dono é de origem árabe. Significa, então, a contribuição desses imigrantes primordiais da formação sócio-histórica da cidade, que se dedicaram especialmente às atividades comerciais, mostrando-nos a presença de outras culturas além da hispânica e/ou lusófona, conforme ratifica o artigo publicado pela Associação Comercial e Industrial de Uruguiana (ACIU):

Além de fortalecer o comércio local, a comunidade árabe de Uruguaiana, com imigrantes palestinos, libaneses, jordanianos e egípcios, colabora com a diversidade cultural da cidade, participando de eventos pontuais, como a Feira das Etnias, além de outras festividades tradicionais da cultura árabe. (ACIU, s.d)

Além deste artigo já citado, temos o trabalho escrito por Karla Müller, intitulado “Inserções de Árabes-Palestinos na Fronteira e na Mídia Impressa Local” que afirma que esses grupos, muitos deles descendentes de imigrantes sírios e libaneses do século XIX e palestinos do século XX, estabeleceram-se nessas regiões, dedicando-se principalmente ao comércio e contribuindo para a dinâmica econômica e cultural da fronteira. A mídia local, como "O Jornal de Uruguaiana" e "A Platéia", desempenha um papel fundamental nesse processo, não apenas registrando a presença árabe-palestina, mas também atuando como um palco para suas manifestações culturais, valores e aspirações. Através de matérias informativas, colunas de opinião e até mesmo cadernos literários, esses jornais divulgam aspectos da cultura árabe-palestina, seus discursos sobre a terra natal e a busca pela paz, e as formas como eles se integram à comunidade fronteiriça, participando de eventos locais e instituições. Essa visibilidade na mídia contribui para que os árabes-palestinos sejam reconhecidos como parte constitutiva da identidade fronteiriça, um espaço de mescla cultural onde a tolerância e o respeito às diferenças são valorizados. (Müller, 2004)

Em resumo, a grande distinção reside no fato de que, enquanto o nome comum possui um sentido descritivo fixo e generalizável que classifica e caracteriza (como "carro" para um veículo automotor), o nome próprio desempenha uma função designativa única e individualizadora. Seu sentido não é predefinido, mas sim construído social e historicamente através do seu uso, das relações que estabelece e da memória que evoca. Essa é a beleza do nome próprio na Semântica do Acontecimento: ele não é um rótulo estático, mas um ato de nomeação que participa ativamente da construção de identidades e significados no espaço social. Nessas designações anteriormente citadas, o sentido de pertencimento e identificação com o universo hispânico é intensificado, operando como um ponto de ancoragem para a memória discursiva.

7.2. Formações nominais em português ou adaptados: a hibridização da cena enunciativa

A categoria que mais claramente manifesta a hibridização é aquela na qual o artigo em espanhol se une a um substantivo em português ou a uma adaptação (que pode incluir uma língua ou a outra). Exemplos como *La Vytrina* e *La Pizzaria* são paradigmáticas. Nesses casos, a cena enunciativa é construída sobre um terreno de dupla referência. O estabelecimento se anuncia em português (sugerindo um público-alvo predominantemente brasileiro), mas a "porta de entrada" linguística é inequivocamente espanhola. Essa hibridização pode ser interpretada de diversas maneiras sob a perspectiva da SA.

A cena enunciativa, que engloba o locutor, o espaço, o alocutário e a intencionalidade discursiva, assume uma configuração particular neste caso, essa singularidade advém da hibridização linguística de seus nomes, como em "*La Pizzaria*". Essa mescla do artigo espanhol *La* com o substantivo português *Pizzaria* estabelece uma dupla referência: o estabelecimento se apresenta como brasileiro, mas simultaneamente abre uma porta linguística para o espanhol. Longe de ser um equívoco, essa combinação materializa a convivência de línguas e culturas na fronteira, o mesmo acontece com a adaptação/estilização da palavra *Vytrina* (em espanhol, *vitrina*). A cena enunciativa que emerge é de acolhimento, indicando que o espanhol é bem-vindo e que a comunicação é fluida para falantes de ambos os idiomas. É como se o próprio nome do lugar proclamasse a fusão linguística, convidando à interação independentemente da língua materna.

No contexto do comércio fronteiriço, a hibridização nominal revela os lugares sociais de dizer dos sujeitos. Ao adotarem essa fusão linguística, os comerciantes fronteiriços expressam sua identidade bicultural, reconhecendo ambas as línguas como parte intrínseca de seu ser e do local onde vivem. Essa escolha posiciona o comerciante como um mediador cultural, alguém que compreende e reflete a dinâmica linguística da fronteira, sem impor uma única língua. Tal estratégia pode ser interpretada como uma forma de resistência cultural, elevando a língua fronteiriça a uma condição de marca identitária no comércio. Nesse panorama, a mistura linguística é entendida como a língua própria do lugar, delineando uma nova

territorialidade, um "terceiro território"¹⁹ que transcende as fronteiras convencionais, facilitando a comunicação e constituindo as práticas linguísticas dos falantes.

A escolha de um nome hibridizado como *La Pizzeria* e *La Vytrina* demonstra uma clara antecipação do sujeito interlocutor, ou seja, do perfil do cliente esperado. A inclusão do artigo espanhol *La* antes de uma forma nominal em outro idioma ou estilizada, sinaliza o acolhimento ao falante de espanhol, mesmo que o substantivo *Pizzeria* sugira um público predominantemente brasileiro. Isso projeta um interlocutor que pode ser tanto falante de português quanto de espanhol, ou mesmo alguém que transita entre as duas línguas, caracterizando as "travessias linguísticas". A presença do artigo em espanhol funciona como um gesto implícito de boas-vindas, indicando que a comunicação é possível e desejada. Essa é uma estratégia que visa atrair e fidelizar clientes de ambos os lados da fronteira, mostrando que o estabelecimento "fala a língua" do cliente. O comerciante, ao adotar essa abordagem, reconhece a dinâmica das travessias linguísticas e a utiliza a seu favor, inserindo o comércio em uma cena enunciativa onde o espanhol é um traço relevante para a identidade local.

Essa "mescla" de línguas não é acidental; ela é a materialização de um "vivido" (SIPAVICIUS, 2010) particular da fronteira, onde as línguas coexistem e se interpenetram de maneira intrínseca à identidade local. As designações híbridas como "La Pizzeria" não buscam tornar a pizzeria "espanhola" em sua essência culinária, mas sim inseri-la em um contexto onde o espanhol é um traço presente e relevante. Isso sinaliza o pertencimento desse comércio ao espaço fronteiro, onde o espanhol circula como um elemento constitutivo da identidade local.

O memorável recortado por essa linguagem híbrida é uma forma de viver que se constitui pela contiguidade e cotidianidade das relações entre as comunidades hispanofalantes e lusofalantes, neste caso. Isto é um testemunho da história e das interações nessa região. O contato constante entre as línguas nesse ambiente comercial explicita os sentidos que essas línguas têm para os sujeitos fronteiriços. A "mistura" é frequentemente identificada como a função primordial dessas línguas, facilitando a comunicação e significando uma língua que é própria do lugar.

¹⁹ Segundo Sposito (2008, p.11, a territorialidade "designa a qualidade que o território ganha de acordo com a sua utilização ou apreensão pelo ser humano". Utilizamos o conceito de territorialidade segundo Mota (2010) e Sturza (2010)

7.3. Formações nominais em outras línguas: a ampliação da cena enunciativa

O caso de *La Griff* apresenta uma complexidade adicional. O artigo em espanhol antecede um substantivo que não é nem português, nem espanhol (provavelmente em francês, remetendo a marca ou grife). Essa designação aponta para uma cena enunciativa ainda mais ampla, que não se restringe apenas ao bilinguismo fronteiriço, mas que abrange influências globais.

Aqui, o artigo em espanhol pode ter a função de ancorar o termo estrangeiro na paisagem linguística local, inserindo-o na dinâmica da fronteira. Mesmo diante de uma palavra de origem não hispânica, o determinante em espanhol serve como um filtro linguístico e cultural, indicando que a globalização do comércio e das marcas passa “pelo crivo” das relações fronteiriças. O *La* confere uma “fronteiricidade” ao termo *Griff*, inserindo-o em uma memória discursiva que é fundamentalmente marcada pelo contato entre o português e o espanhol. E o *Griff*, por sua vez, confere um sentido de “sofisticação” ao estabelecimento, em razão da língua francesa, que por sua vez, remete a uma histórica de contato com o francês a partir dos imigrantes franceses que também povoaram Uruguiana (VOLKMER, 2014).

Em síntese, as diferentes combinações dos substantivos com o artigo determinante em espanhol revelam a riqueza e a plasticidade das cenas enunciativas da fronteira. Elas evidenciam como a nomeação comercial é um campo fértil para a observação da designação na construção de sentidos, da materialização de memórias e da constante redefinição das identidades linguísticas e culturais nesse espaço de incessantes travessias.

8. CONCLUSÃO

A presente pesquisa buscou investigar a presença e o funcionamento da língua espanhola na paisagem linguística do comércio fronteiriço da cidade de Uruguiana, Rio Grande do Sul, a partir de uma abordagem teórica que contempla a Semântica do Acontecimento e os estudos da Paisagem Linguística. O objetivo geral foi analisar como a língua espanhola se manifesta pela enunciação em nomes de estabelecimentos comerciais, compreendendo, através da análise da designação, o seu funcionamento semântico-enunciativo em um contexto de fronteira.

Para tanto, foram propostos objetivos específicos que visaram identificar as ocorrências da língua espanhola, descrever os tipos de estabelecimentos onde essa presença é mais notável e discutir o papel dessa visualidade linguística na construção de identidades e na dinâmica fronteiriça.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, constatou-se que a paisagem linguística uruguaiana, no gesto de interpretação desta pesquisa, é marcadamente compartilhada, com uma expressiva presença da língua espanhola em diversas denominações comerciais. Essa constatação corrobora a natureza fronteiriça da cidade, onde as interações culturais e linguísticas com os países vizinhos, especialmente a Argentina, são intensas e cotidianas. A análise dos dados revelou que a língua espanhola não se restringe a estabelecimentos diretamente ligados ao turismo ou à troca comercial com estrangeiros, mas também se manifesta em empreendimentos voltados para a população local, como lojas de roupas e serviços variados.

Foi possível observar que a presença do espanhol na denominação de alguns estabelecimentos, conforme discutido à luz da Semântica do Acontecimento, não é meramente aleatória. Ela significa o posicionamento dos sujeitos enunciadore e do próprio espaço comercial em relação à fronteira. Essas escolhas, muitas vezes, remetem a uma memória discursiva de proximidade com a cultura hispânica nesses territórios, a uma tentativa de atrair um público específico ou até mesmo a uma manifestação identitária que transcende a barreira linguística formal. As imagens coletadas ilustraram vividamente a materialidade dessa paisagem linguística, evidenciando como a língua espanhola está intrinsecamente ligada à identidade comercial e cultural de Uruguaiana.

Dessa forma, o presente estudo reforça a concepção de fronteira não apenas como um limite geográfico ou político, mas como um espaço dinâmico de produção de sentidos e identidades, onde as línguas se entrelaçam e se manifestam de maneiras diversas. A presença da língua espanhola no comércio de Uruguaiana não é apenas um fenômeno linguístico, mas um indicador das relações sociais, históricas e culturais que permeiam a vida na região.

É importante ressaltar que, como todo trabalho científico, este estudo possui suas limitações. A coleta de dados foi focada na área comercial central de Uruguaiana, o que pode não abranger a totalidade das manifestações da língua espanhola em outras regiões da cidade ou em outros contextos comunicacionais.

Além disso, a análise não incluiu um levantamento da percepção dos comerciantes ou dos consumidores sobre o uso do espanhol, o que poderia enriquecer ainda mais os estudos fronteiriços a partir de outras perspectivas teóricas.

Para pesquisas futuras, é desejável a expansão do *corpus* para outras áreas da cidade de Uruguiana, bem como a realização de estudos comparativos com outras cidades fronteiriças, tanto no Brasil quanto nos países vizinhos, a fim de verificar padrões e especificidades na paisagem linguística comercial. Seria relevante também investigar a percepção e o posicionamento de comerciantes e consumidores frente ao uso da língua espanhola, aprofundando a compreensão sobre as práticas e representações sociais envolvidas nesse fenômeno.

Em síntese, este trabalho contribuiu para a compreensão das dinâmicas linguísticas na fronteira, mostrando o papel ativo da língua espanhola na construção da paisagem cultural e comercial de Uruguiana. Espera-se que esta pesquisa possa servir de base para futuros estudos sobre as práticas linguísticas e a identidade fronteiriça no Sul do Brasil.

REFERÊNCIAS

BÄR, Emmanuelle Coutinho Ribeiro; **A DESIGNAÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS NA CIDADE FRONTEIRIÇA DE URUGUAIANA: INTERFACE PORTUGUÊS E ESPANHOL**. Orientador: Prof.a Dr. Eliana Rosa Sturza. 2016. 96 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), Santa Maria, 2016.

BÄR, Emmanuelle Coutinho Ribeiro; STURZA, Eliana Rosa. **A DESIGNAÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS NA CIDADE FRONTEIRIÇA DE URUGUAIANA: INTERFACE PORTUGUÊS E ESPANHOL**. PERcursos Linguísticos, Vitória (ES), v. 7, n. 14, ed. 2236-2592, p. 563-583, 2017.

BICA, Alessandro Carvalho. **UMA MIRAGEM SOBRE O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BAGÉ NO CONTEXTO RIOGRANDENSE E FRONTEIRIÇO**. ESTUDIOS HISTÓRICOS, Julio - Diciembre 2017 - No 18 – ISSN: 1688 – 5317. Uruguay

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: https://planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em 14 jul. 2024.

BRATZ, Maurício Engroff. **NO IR E VIR DA Balsa: O ESPAÇO DE ENUNCIÇÃO NAS PAISAGENS LINGUÍSTICAS DA FRONTEIRA PORTO XAVIER/SAN JAVIER**. Orientador: Prof.a Dr.a Eliana Rosa Sturza. 2023. 109 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), Santa Maria, RS, 2023.

CAMARGO, Fernando. **O Malón de 1801: a guerra dos laranjas e suas implicações na América Meridional**. Passo Fundo: Clio Livros, 2001.

COLVERO, Ronaldo Bernardino; SOARES, Luiz Francisco Matias. **Uruguaiana: a estância como fronteira**. Revista Estudios Historicos–CDHRP, n. 3, 2009, p. 1-12.

COLVERO, Ronaldo Bernardino; **Negócios na madrugada: o comércio ilícito na fronteira do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo. ed. UPF editora, 2004. 244 p.

DIAS, Luis Francisco. **Formações nominais designativas da língua do Brasil: uma abordagem enunciativa**. Letras, Santa Maria, v. 23, n. 46, p. 11-22, jan./jun. 2013.

DOCCA, Souza, **História do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1954.

DORATIOTO, Francisco. **O conflito com o Paraguai: a grande guerra do Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

FANTI, Daniel. **CÂMARA MUNICIPAL DE URUGUAIANA - SUA HISTÓRIA.** Câmara Municipal de Uruguaiana, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.uruguaiana.rs.leg.br/institucional/historia>>. Acesso em: 24. abr. 2025.

FLORES, Moacyr. **Reduções Jesuíticas dos Guaranis.** Porto Alegre: Edipucrs, 1997.

FONSECA, Pedro C. Dutra. **RS: a economia e conflitos políticos na república velha.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983

GOB.AR. **INGRESO A LA REPÚBLICA ARGENTINA - P. de los Libres - Uruguayana.** Disponível em: <<https://curug.cancilleria.gob.ar/es/ingreso-%C3%A0-rep%C3%BAblica-argentina-p-de-los-libres-uruguaiana>> Acesso em: 12, mai 2024.

GOB.AR. **AFIP.** Disponível em: < <https://www.afip.gob.ar/landing/default.asp> > Acesso em: 12, mai 2024.

GOLIN, Tau. **A fronteira: volume 2.** Porto Alegre: L&M, 2004. v. 2. 432 p.

GOLÇALVES, Lourival Araújo. **Chê de Deus! um dicionário uruguaiense!.** 2°.ed. Porto Alegre: Movimento, 2021. 134 p.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação.** 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 2005. 96 p.

GUIMARÃES, Eduardo. **Espaço De Enunciação, Cena Enunciativa, Designação.** Laboratório Corpus: UFSM, Jan./Mar 2014. p. 49-68

MACHADO, Lia Osorio. **Cidades na Fronteira Internacional:: conceitos e tipologia.** In: NÚÑES, Ángel; PADOIN, Maria Medianeira; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (org.). **Dilemas e Diálogos Platinos: Fronteiras.** 2010. ed. Brasil: Editora e Gráfica Universitária, 2010. v. 2, cap. 3, p. 59-72.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **IBGE atualiza municípios de fronteira e defrontantes com o mar devido a mudanças de limites.** Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias>> Acesso em 5, jul 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **[Estação Ferroviária] : Uruguaiana, RS.** Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=448003>> Acesso em 15, mai 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Território brasileiro e povoamento.** Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/construcao-do-territorio/tratado-de-tordesilhas.html>> Acesso em 3, mai 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).

Território brasileiro e povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/construcao-do-territorio/territorio-legalizado-os-tratados.html>> Acesso em 3, mai 2025.

INTERCOMPREENSÃO. In: MICHAELIS, **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.** Editora Melhoramentos Ltda., 2025. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/intercomprens%C3%A3o/>>. Acesso em: 09/04/2025.

La Carmencita. Uruguaiana. 4 de maio de 2025. Instagram: @lacarmencitarestaurante. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DJPOrWkJaSH/?utm_source=ig_web_copy_link>. Acesso em: 5, jun 2025..

MERCOSUL, Instituto Social do. Cidadania Social no MERCOSUL - Acesso a serviços sociais em regiões de fronteira, Assunção, 2018. 200 páginas. ISBN: 978-99967-863-2-7

MORAES, María Cándida; TORRE, Saturnino de la. **Sentipensar bajo la mirada autopoiética o cómo reencantar creativamente la educación.** Creatividad y Sociedad, nº2. 2002, p. 41-56.

MOTA, Sara dos Santos; BRANCO, Natieli Luiza; FERREIRA, Vinícios Lima. **A DESIGNAÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS NA CIDADE FRONTEIRIÇA DE BAGÉ.** Dossier: Glotopolítica no contexto brasileiro, Revista Digital de Políticas Lingüísticas., ano 14, v. 17, ed. Núm. 17 (2022), p. 1-23, 28 dez. 2022. Disponível em: <<https://revistas.unc.edu.ar/index.php/RDPL/article/view/39895>> Acesso em: 13 jun. 2024.

MOTA, Sara dos Santos. **LÍNGUAS, SUJEITOS E SENTIDOS: O JORNAL NAS RELAÇÕES FRONTEIRIÇAS NO FINAL DO SÉCULO XIX, INÍCIO DO SÉCULO XX.** Orientador: Prof.a Dr. Eliana Rosa Sturza. 2010. 106 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), Santa Maria, 2010.

Müller, K. M. **Inserções de Árabes-Palestinos na Fronteira e na Mídia Impressa Local.** Congresso brasileiro de ciências da comunicação, 2004. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/122783493451108036578747238264985300200.pdf>> Aceso em 5, mai 2025.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul.** 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1985. 142p. (Série Revisão, 1).

PETROCELE, Giovana. **Contribuição da comunidade árabe no comércio local.** Associação Comercial e Industrial de Uruguaiana (ACIU) s.d. Disponível em: <<https://aci.u.org.br/comunidade-arabe-fortalece-economia-de-uruguaiana/>> Acesso em 05, mai 2025.

SIPAVICIUS, M. (2010). Connotaciones socioculturales de los nombres de lugar. Biblioteca Técnica de Política Lingüística.
<https://www.academia.edu/RegisterToDownload/Claiming>

QUEVEDO, Julio. **Rio Grande do Sul: Quatro Séculos de História**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.

QUEVEDO, Julio. **Guerreiros e Jesuítas na Utopia do Prata**. São Paulo: Edusc, 2000.

RANSOLIN, Antonio Francisco. **FERROVIAS NO RIO GRANDE DO SUL**. Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos – Unisinos. s.d. 69 p.

SIPAVICIUS, Márcia. **Connotaciones socioculturales de los nombres de lugares**. *In: Els noms en la vida quotidiana.*, n 24°, 2011, Catalunya - Barcelona. Actes del XXIV Congrès Internacional d'ICOS sobre Ciències Onomàstiques Biblioteca Técnica de Política Lingüística. 2014. Sección 4, p. 594 - 605

STURZA, Eliana Rosa. **Espaço de enunciação fronteiriço e processos identitários**. Pro-Posições, Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 83-96, set/dez. 2010.

VIANA, Hélio. **História das fronteiras do Brasil**. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert. 1948.

VOLKMER, Márcia Solange. **Imigração francesa e redes de comércio na Fronteira Brasil-Argentina (Segunda metade do século XIX)**. História e Economia, Revista Interdisciplinar, Rio de Janeiro, vol. 31. nº 1 (2025) edição atual. p. 125-140.